



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO

**GLOCOMUNADA:**

**a cobertura das eleições presidenciais em O Globo 2006**

**Pollyanna Barros Brêtas**

Rio de Janeiro  
2008

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Escola de Comunicação

**GLOCOMUNADA:**

a cobertura da eleições presidenciais em O Globo 2006

**Pollyanna Barros Brêtas**

Monografia apresentada à Escola de Comunicação da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito  
parcial à obtenção do título de bacharel em  
Comunicação Social, habilitação em Jornalismo

Orientadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Paiva de Araújo Soares

Rio de Janeiro  
2008

BRETAS, Pollyanna Barros

Glocomunada: a cobertura das eleições presidenciais em O Globo 2006. Orientadora: Raquel Paiva de Araújo Soares. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2008.

56 f. il.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação.

1. Política 2. Eleições 3. O Globo. I. PAIVA, Raquel de Araújo Soares (Orient.) II. UFRJ/ECO. III. Título

**Glocomunada:** a cobertura das eleições presidenciais em O Globo 2006.

Pollyanna Barros Brêtas.

Monografia submetida ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo.

Banca Examinadora:

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel Paiva de Araújo Soares  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

---

Prof. Paulo Roberto Guibaldi Vaz  
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alessandra Aldé  
Doutora em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

*Rio de Janeiro, de junho de 2008.*

*Nota:*

BRETAS, Pollyanna Barros. **Glocomunada**: a cobertura das eleições presidenciais em O Globo 2006. Orientadora: Raquel Paiva de Araújo Soares. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2008. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro). 56 f. il.

## RESUMO

O trabalho analisa a cobertura das eleições presidenciais em 2006, no jornal O Globo do Rio de Janeiro. Para isso, além de observar o espaço ocupado pelos principais atores políticos na disputa, se pretende reconhecer a natureza do noticiário. Pode-se observar que o presidente e candidato à reeleição Luiz Inácio Lula da Silva recebe a maior atenção. No entanto, com conteúdo essencialmente negativo. Enquanto isso, o candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, goza de certa simpatia do jornal. Todo esse cenário é construído através de critérios do Agenda-Setting da publicação, pela escolha dos temas principais em debate na sociedade.

BRETAS, Pollyanna Barros. **Glocomunada**: a cobertura das eleições presidenciais em O Globo 2006.. Advisor: Raquel de Araújo Paiva. Rio de Janeiro: Federal University of Rio de Janeiro / School of Communications, 2008. Final Paper (Graduation in Social Communications with specialization in Journalism).  
56 f. il.

### **ABSTRACT**

Analyse media on the president elections in 2006, in the newspaper O Globo of Rio de Janeiro. Investigate the place occupied by the principals candidates and also recognize the behaviour of news section. It could notice that the president, looking for the second command of Brazil, receives great attention on the press. However, the matter contained was substantially adversity for him. While his opponent, Geraldo Alckmin, has the support of the newspaper. All of this history has been built through decisions of Agenda – Setting and the interests matters of media in discussion in society.

*À minha mãezinha que, além de estar presente em todos os momentos e acreditar em mim, me deu amor. Ao meu pai. Ao meu irmãozinho San, meu companheiro de todas as horas, de risos, brincadeiras e discussões dialéticas, e ao Andinho. Um forte abraço aos tios e tias, primos e primas, dindo e dindinha, com quem convivi e cresci.*

*A todos os amigos, sem os quais não seria o que sou. Ao G5, ao Planalto e às grandes figuras da Bandnews FM. Aqueles que ajudaram no projeto e na vida: Paty, Leila, Gui, Rodolfo, Marcela, Gabriel e Rafa.*

*A todos os professores que contribuíram com minha formação e meus pensamentos, em especial:*

*Alessandra Alde, pela orientação e por ter despertado em mim o gosto pela política;*

*Augusto Gazir, pela competência, paciência, dicas e sugestões;*

*Raquel Paiva, que acreditou no neste trabalhou e pelo estímulo.*

*A Carol Coutinho, Adriana França e Mauro Silveira profissionais competentes e comprometidos com o jornalismo, que me ensinaram o que hoje sei da profissão.*

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. POLITICA E AS RELAÇÕES DE PODER
  - 2.1 “A Tirania da Maioria” e o Assistencialismo
  - 2.2 O discurso
3. AGENDAMENTO
  - 3.1 Fatos, notícias e a permanência do episódio no noticiário
  - 3.2 Agenda-Setting
    - 3.2.1 Em pauta: Corrupção
    - 3.2.2 Temas que merecem referência
4. LINHAS GERAIS DO NOTICIÁRIO
  - 4.1 Linha Editorial
    - 4.1.1 Editorial
    - 4.1.2 Colunistas e Articulistas:
  - 4.2 Cobertura Jornalística
  - 4.3 Metodologia
5. OS ATORES POLÍTICOS EM CENA
  - 5.1 Presidente Lula
  - 5.2 Candidato Lula
  - 5.3 Geraldo Alckmin
  - 5.4 Heloísa Helena
  - 5.5 Cristovam Buarque
  - 5.6 Anthony Garotinho
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
8. ANEXOS





## 1 . INTRODUÇÃO

A quinta experiência de eleições presidenciais no Brasil desde a redemocratização mobilizou o país de uma forma singular. Na verdade, o pleito de 2006 começou em meados de 2005, quando o governo que disputaria a reeleição se viu envolvido em um escândalo político de corrupção. Esse fato deu o tom do debate sobre a corrida presidencial do ano seguinte. A disputa também definiu os dois eixos principais de oposição político partidário no país - PT e PSDB.

De um lado, o candidato da situação, Luis Inácio Lula da Silva, que divulgava números econômicos positivos. No entanto, enfrentava uma série de denúncias em diversos escalões do governo, além de seguidas quedas de homens fortes do Executivo, como o Ministro da Fazenda, Antônio Palocci, e o Chefe da Casa Civil, José Dirceu, até então braço-direito e companheiro de Lula desde os tempos de fundação do PT. Do outro lado, uma oposição que contava com a repercussão negativa do escândalo do mensalão, mas perdeu tempo na disputa entre os dois principais nomes do PSDB para a eleição.

A oposição, formada por partidos de Centro – Direita, vive uma experiência nova. Pela primeira vez, desde a redemocratização, os parlamentares desses partidos experimentavam a sensação de participar da eleição presidencial não como situação. Os parlamentares, especialmente senadores, ainda estavam se acostumando a não ser mais situação. Este aprendizado custou caro nas eleições de 2006. O PSDB e PFL (agora DEM) não souberam se aproveitar das denúncias para reverter o quadro favorável à reeleição de Lula. A agenda e o projeto de país destes partidos também não ficaram claros para os eleitores. Alguns comentaristas políticos chegaram a defender que o candidato tucano, Geraldo Alckmin, não teria planos de desenvolvimento concretos como, por exemplo, um modelo econômico a seguir. A indefinição sobre os rumos das políticas sociais, com o programa Bolsa-Família, também prejudicou a campanha do candidato tucano.

Neste momento, quem toma a frente da disputa eleitoral é a imprensa. Os meios de comunicação se colocam nesta fase como os protetores da moral e da ética em um país manchado pela corrupção. Em certo sentido, pode-se dizer que alguns veículos ocuparam o espaço pouco aproveitado pelos partidos de oposição e empreenderam sua própria luta.

No caso de O Globo, como pode ser percebido pelos números da pesquisa neste projeto, o mecanismo de atuação se deu por duas vertentes: se por um lado o diário garantiu

forte visibilidade, demonstrada pelo número de aparições do presidente e do candidato Lula, em contrapartida, oferece um noticiário extremamente negativo e que primava pela desconstrução do governo e da campanha através de colunistas e comentaristas alinhados com uma perspectiva Editorial Anti- PT. Além disso, as especificidades na cobertura dos jornais deste ano, em relação às eleições, foram exemplares.

Esse trabalho se dedica a estudar como se deu este fenômeno em um dos impressos de maior circulação do Rio de Janeiro, O Globo. Por nove meses, de fevereiro a novembro de 2006, no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, o IUPERJ, esta publicação foi analisada e dissecada diariamente, assim como outros três jornais, utilizando a metodologia desenvolvida pelo Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Opinião Pública, o Doxa. Todo o processo de apuração e coleta dos dados está descrito e explicado no Capítulo 4.3.

A abrangência do método e do próprio banco de dados gerado permite que estudantes e pesquisadores se dediquem a inúmeras formas de análise. O presente trabalho opta por captar os resultados que correspondem ao volume de cobertura dos candidatos e a natureza do noticiário e relacioná-los com os temas que predominaram no período, ou seja, a agenda do jornal. O que se propõe com isso é explicar que a escolha da notícia e o tratamento se comprometem com a postura editorial do veículo e seu posicionamento sobre a proposta de governo e mesmo projeto de país.

Os personagens escolhidos para análise foram: Luis Inácio Lula da Silva, Geraldo Alckmin, Heloísa Helena e Cristóvam Buarque, além do pré-candidato Anthony Garotinho. No caso de Lula, há a diferenciação dos números de presidente e candidato, pois não houve desincompatibilização de cargos. Esta separação gerou muita discussão durante a pesquisa no Doxa, na medida em que não raro o Chefe do Executivo estava empenhado em fazer campanha eleitoral na agenda oficial.

Apesar de não ter permanecido na disputa até o final, o ex-governador Garotinho também faz parte da análise porque sua cobertura revelou desproporcionalidades marcantes. Ele e as Organizações Globo chegaram a uma contenda judicial e a disputa foi refletida nos veículos de comunicação. Em algumas ocasiões, O Globo publicou páginas inteiras de denúncias e o noticiário chegou a até 80 % de negativo.

Antes da análise em si proposta, os dois próximos capítulos serão fundamentalmente teóricos. A separação entre eles foi definida para que haja no segundo uma crítica que se atenha à Ciência Política e o outro se ocupe de Teoria da Comunicação e critérios de noticiabilidade. Portanto, no segundo módulo o objetivo é introduzir um debate que contemple alguns autores e o cenário em que se desenrolou a eleição. De modo, que se dedica atenção especial a dois pensadores. O primeiro, Aléxis de Tocqueville. Isso porque a partir do conceito de “Tirania da Maioria”, desenvolvido por ele, pode ser estabelecido um paralelo com a irritação que alguns jornalistas demonstraram com a aclamação popular de Lula, mesmo após todas as denúncias de corrupção no governo e a resistência da opinião pública com a reeleição. Sobre a reflexão com Michel Foucault, o objetivo é analisar como os dispositivos de controle, no conceito desse filósofo, se aplicam as formas de produção da mensagem, do discurso.

No capítulo 3, desenvolvemos o conceito de Agenda-Setting, neste pleito. Para isso, se considera o processo de produção da notícia, os modos como os fatos são explorados e como são escolhidos. Assim, também revelamos como alguns temas predominaram na cobertura e desenvolvemos a tese de que isso não foi por acaso e tão pouco pela imposição dos fatos à agenda.

A quarta parte é basicamente descritiva. Ali, se apresentam as características do objeto de trabalho, ou seja, do O Globo, seus aspectos fundamentais e peculiaridades. São analisados os principais colunistas e articulistas, além do próprio formato gráfico do jornal. Ainda neste capítulo é apresentada a metodologia de pesquisa do Doxa. Esta ordem foi escolhida na medida em que a seção seguinte detalha o comportamento do jornal em relação às personagens.

Para a narração mais minuciosa, estão descritos os relatos extraídos do próprio Globo em momentos específicos da pesquisa, primordialmente quando há alguma alteração significativa nos gráficos de Visibilidade e Valência, gerados no Doxa, que podem ser observados no Anexo. Este capítulo separa a apreciação de cada um dos candidatos e o comportamento do jornal em relação a eles, ou seja, o espaço que é dado aos candidatos e se o tratamento confere uma status positivo, negativo ou neutro.

## 2 . POLÍTICA E AS RELAÇÕES DE PODER

A relação entre Comunicação e Política é um terreno poroso. No entanto, o ponto mais forte de congruência é o período eleitoral. Diante da temática sobre a interseção entre as relações de poder e a imprensa, é fundamental revisitarmos o pensamento de Michel Foucault, segundo o qual a política é a continuação da guerra por outros meios (ADORNO, 2006). Um equilíbrio entre poder e força. Mas, com a atuação da imprensa e as modificações na natureza da esfera pública da sociedade contemporânea, essa correlação está sujeita à negociação dos atores políticos com os ecos da notícia. De modo que a construção de visibilidade positiva depende, entre outros fatores, do convencimento daquele que se propõe a mediar o vínculo entre a opinião pública e a figura política.

A questão é que o jornalismo político representaria agora a esfera civil. Desta maneira, a teoria política que remonta Nicolau Maquiavel<sup>1</sup>, em que o centro está no *Príncipe*, é esclarecedora quando coloca o homem público como capaz de forjar sua própria imagem. “Os príncipes são notados por algumas qualidades que despertam crítica ou louvor” (MAQUIAVEL, 2003, p.99). Nessa passagem, é possível perceber que o pensador do século XVI valoriza a reputação, a imagem e a aparência.

A formação de opiniões depende, em última análise, de uma escala de valores compartilhada pelo senso comum. Tais construções, a que se refere Maquiavel, passam pela idéia de representatividade, ou seja, uma prática política ou um contrato em que o povo assume o governante ou candidato sob a lógica de um líder que preserva as aparências.

O Príncipe de hoje, além de todas as relações tradicionais com seus pares e desafidores, tem como complicador a atuação de um meio externo ao jogo político. A força do jornalismo exerce uma atividade de controle das impressões públicas e de vigilância. Os mass media constituem uma espécie de sistema nervoso simples que se espalha até atingir olhos e ouvidos, numa sociedade caracterizada pela escassez de relações interpessoais e por uma organização social amorfa. (WOLF, 1999, p. 28).

---

<sup>1</sup> A contribuição deste autor para a construção do pensamento político ocidental foi decisiva. Maquiavel inaugurou a discussão sobre variados temas da Teoria Política. Um destes termos é a construção da imagem dos governantes. O espaço dedicado aqui para o pensador se atém a estas considerações, mesmo assumindo o risco de declinar de uma maior colaboração tão rica.

Para prosseguir a análise sobre Teoria Política, dois autores serão examinados com cuidado. Aléxis de Tocqueville e Michel Foucault são essenciais aqui. Na medida em que se pode comparar os conceitos com características das eleições de 2006. Foucault contribui com críticas aos modos de produção e circulação dos discursos e mensagens.

## 2.1 “A Tirania da Maioria” e o Assistencialismo.

É possível estabelecer um paralelo entre as reflexões de Aléxis de Tocqueville no século XIX com episódios e particularidades cobertura das eleições presidenciais no Brasil, em 2006. A comparação é entre o conceito de “Tirania da Maioria” e opiniões de colunistas e articulistas publicadas no O Globo sobre o curral eleitoral criado pelo governo Lula a partir da implementação de políticas compensatórias<sup>2</sup> ou assistencialistas<sup>3</sup>, oferecida à população mais carente em todo país. Não se pode, porém, entender e aplicar o sentido do termo tocquevilliano sem antes rever pontos cruciais do seu pensamento como: democracia, liberdade e igualdade.

Tocqueville se dedicou prioritariamente a discutir a democracia. Para ele, ela se realiza na liberdade e só é possível se houver igualdade. O tema foi herdado do jusnaturalismo e do contratualismo (QUIRINO, 1989). Outra característica é um enfoque normativo da política, que é vista não como uma arena de competição pelo poder, mas como espaço para a preservação de determinados valores. Para Tocqueville, a liberdade é um bem em si, tem valor absoluto (ALDE, 1995). Ao elaborar o conceito de democracia, Tocqueville acaba por apresentá-lo como um processo de caráter universal (QUIRINO, 1989). Através da liberdade e da igualdade, ele vai procurar explicar o desenvolvimento sócio-político de várias realidades por ele estudadas, ou seja, Tocqueville realiza uma análise da história política e social, tendo como principal modelo o processo norte-americano, que ele também compara à sua França.

Liberdade e igualdade não seriam aspirações contraditórias e dizem respeito a toda a humanidade. No entanto, a questão central é o que fazer para que o desenvolvimento da igualdade não seja inibidor da liberdade, especialmente da individual. A preocupação é com

---

<sup>2</sup> Esta denominação é, em geral, utilizada por pessoas que aprovam programas como o Bolsa-Família.

<sup>3</sup> Já este termo é usado no mesmo contexto, mas se refere de maneira crítica às políticas do governo.

a possibilidade de a democracia vir a ser uma Tirania. Para ele, a crescente igualdade entre os homens pode envolver perigos e desvios, que levem à perda da liberdade.

O primeiro grande risco seria o aparecimento de uma sociedade de massa, da existência de uma ‘vontade geral, do desejo do bem comum’ (QUIRINO, 1989). O seu temor é que a cultura igualitária da maioria destrua a possibilidade de manifestação de minorias ou mesmo de indivíduos diferenciados, impedindo que as artes, a filosofia e ciências sem aplicação imediata não encontrem espaço para se desenvolver (QUIRINO, 1989). No entanto, investe contra o individualismo, que classifica como “pernicioso”, apesar de acompanhar a experiência democrática nos Estados Unidos com efusivo entusiasmo.

A outra ameaça é o surgimento de um Estado despótico, que negaria a liberdade política. Ele procura demonstrar que os cidadãos à medida que se dedicam a “afazeres enriquecedores”, individualistas e industriais vão abandonando seu interesse pela coisa pública. Dessa forma, para Tocqueville, as pessoas acabam por se deixar conduzir. É a indiferença dos cidadãos quanto a seus assuntos públicos que ameaça transformá-los nos “servos” adequados a um despotismo moderno, democrático (ALDE, 1995). Assim, ele destaca que é na ação política dos cidadãos que está a garantia de sua real existência na democracia (TOCQUEVILLE, 1977). Aqui, surge a questão que Tocqueville denomina de Tirania da Maioria. A referência do termo expressa o temor de que uma cultura igualitária da maioria destrua as possibilidades de manifestação da vontade das minorias ou mesmo de indivíduos.

Na campanha de 2006 no Brasil, se observam diagnósticos de que a despeito das denúncias de corrupção contra o governo Lula e a crise ética que tomou conta do país, além de uma Opinião Pública<sup>4</sup> inconformada com toda a exposição dos esquemas de corrupção, os números das pesquisas são favoráveis à reeleição do presidente (SILVA, 2006).

O texto a seguir, de Tereza Cruvinel, intitulado “A partir de 2007”, é, neste sentido, revelador: “O eventual segundo governo de Lula, segundo as pesquisas de hoje, nasceria

---

<sup>4</sup> A existência de uma ‘opinião pública’ está ligada ao surgimento do Estado moderno, onde as forças da sociedade ganham espaço para suas reivindicações contra o absolutismo. Em ‘*A opinião Pública não existe*’, Pierre Bourdieu critica a suposição de que todas as pessoas têm uma opinião sobre os assuntos e que exista um consenso. Para ele, o que existe é uma “opinião mobilizada, a das elites”. A questão é ainda mais desafiadora quando se relaciona ao conceito criado pelo jornalismo sobre a mídia como formadora de opinião.

marcado por uma contradição aguda: teria fortíssimo apoio popular, forte rejeição da Opinião Pública, escassa base parlamentar e estaria cercado, como hoje, por uma oposição combativa e inconformada”<sup>5</sup>.

Outros exemplos podem ser citados aqui como o texto “Lições da Crise”<sup>6</sup>, de Ilimar Franco, em que o jornalista afirma que apesar da ampla cobertura jornalística a cerca da crise política e do Mensalão<sup>7</sup> no governo Lula, não há unanimidade nacional para que a oposição fomente a derrubada do presidente. Segundo ele, o quadro mais provável é a reeleição de Lula. E ainda o artigo de Denis Lerrer Rosenfield, com o título “Ficção e realidade”<sup>8</sup>, no qual ele coloca que as conclusões da CPI dos Correios e do Ministério Público desmembram a tese do PT de que a corrupção do partido e do governo tratava-se de um simples caixa dois. Enquanto isso, segundo Lerrer, Lula praticamente se põe à parte das denúncias, e das investigações de seu próprio governo, e faz da economia do assistencialismo sua base política.

## 2.2. O discurso

“Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2004, p.8).

O trecho de Foucault foi inserido no início dessa seção por uma decisão de promover o diálogo entre a natureza do discurso empregado no jornal, que é objeto deste estudo, e o produto final da cobertura.

Alguns termos, definições e assertivas publicadas por profissionais de imprensa que acompanharam todo o processo eleitoral deram o tom do compromisso que eles tinham

---

<sup>5</sup> Em 27 de agosto, segunda página.

<sup>6</sup> Em 18 de abril, segunda página.

<sup>7</sup> O termo "mensalão" entrou definitivamente para o vocabulário político e cotidiano do país com a entrevista do deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) à Folha, quando contou pela primeira vez sobre um suposto esquema de pagamentos mensais a deputados do PP e do PL, no valor de R\$ 30 mil.

<sup>8</sup> Em 17 de abril, em O País.



com a verdade dos fatos, as perspectivas da notícia e o interesse público. Muitos pesquisadores discutem a noção de objetividade, importada da escola americana de jornalismo, no cotidiano da imprensa brasileira especializada em política. A busca pelo melhor ângulo, a melhor análise e furos de bastidores têm levado à postura mais editorializada da cobertura política. O problema aqui é a falta de clareza na separação para o leitor daquilo que é o episódio e o que já foi transformado a partir de uma observação, um olhar, uma opinião.

A linguagem é fundamental para entendermos a capacidade de disseminar mensagens e apelos políticos que partem dos canais de mediação. Foucault descreve de um princípio elaborado por ele como o de “Especificidade” (FOUCAULT, 2004, p.53) para explicar que o discurso é uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhe impomos. A seleção de palavras no meio jornalístico não é alheia ao interesse de um juízo sobre o enunciado. A observação disso é essencial, a medida em que a classificação de positivo, negativo e neutro de uma matéria para determinado candidato é, em última análise, determinada pela verbalização do objeto, ou seja, a moeda utilizada no mercado da informação (FIGUEIREDO, 2000, p.40).

Quando se associam conceitos como jornalismo e política pretendemos compreender o conjunto de dispositivos que levou ao desequilíbrio na cobertura dos candidatos como um fenômeno das Eleições Presidenciais de 2006. É preciso ter a luz que um discurso se constrói por argumentos e que estes se validam pela autoridade daquele que o executa ou que se coloca neste lugar legitimado de domínio. De acordo com Foucault, “o autor pode ser entendido como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 2004, p.26). Em um jornal, além de o próprio articulista legitimar o que está expondo com o próprio nome, é importante observar o por que ele recebeu este espaço para expor as idéias.

Sobre essa “autoridade” recorremos ao Dicionário de Política, que em um de seus verbetes diz que o termo se refere “a um conjunto de relações assimétricas, entre membros de uma unidade social ordenados de um modo hierárquico, que tem por objeto a condução da própria realidade”(BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO,1961, p.89). A comunicação, em qualquer instância, não pode ser admitida como processo que não seja intencional e

com conteúdos que podem ser moldados e apresentados com objetivos diversos a partir de tratamentos específicos (WOLF, 1999, p.30).

Este lugar privilegiado de onde fala o jornalista é demarcado como espaço de uma competência, “o de fornecer uma interpretação ‘independente’ da cena política, transcendente em relação às perspectivas particulares dos agentes políticos envolvidos” (ALBUQUERQUE, 2000, p.23).

“A imprensa reivindica o papel de intérprete privilegiado da realidade, e o faz se referindo à tradição americana do Quarto Poder. O ponto é que, talvez, ‘Quarto Poder’ tenha, no Brasil, um significado totalmente distinto que nos Estados Unidos” (ALBUQUERQUE, 2000, p.31).

As características desse jornalismo de objetividade, algumas como se fossem tentativas de adaptar à realidade brasileira ao modelo americano, nem sempre deixam claro para o leitor a interferência no repórter na notícia. O apreço pela objetividade, por um texto limpo e sem vícios não raro ajuda a posicionar a imprensa como árbitro das relações sociais, especialmente as que envolvem poder. O problema é que ela “julga, acusa, sentencia e absolve” (ALBUQUERQUE, 2000, p.48), mas reivindica uma postura isenta de opiniões e que defende o interesse público.

Durante a cobertura destas eleições, as próprias manobras da imprensa em relação aos candidatos viraram notícias. É possível distinguir dois momentos dessa realidade. O primeiro não foi documentado no jornal, que é o objeto deste trabalho, se relaciona com a própria sensação popular sobre a manipulação na cobertura eleitoral de 2006, e que foi discutida em jornais e revistas especializados. Um dos exemplos desse contraste pode ser encontrado na edição da revista Carta Capital, onde a reportagem de capa intitulada “A trama que levou ao segundo turno” discute em que medida a descoberta do “Caso Dossiê”<sup>9</sup> beneficiou a candidatura do tucano Geraldo Alckmin e foi decisiva para levar a disputa para segundo turno.

---

<sup>9</sup> O episódio do Dossiê contra tucanos começou em 15 de setembro de 2006, quando petistas foram presos acusados de comprar documentos que revelariam o envolvimento de candidatos tucanos com esquema de fraude de licitações na área de saúde, chamado escândalo das Sanguessugas.

Já o que se encontra em O Globo, que diferenciamos nesta pesquisa como “Cobertura Jornalística”<sup>10</sup>, na maioria dos casos é uma referência a edições internacionais em uma tentativa de legitimar a postura do próprio jornal através de publicações com credibilidade internacional. Em “FT: 'Lula diz pouco de substancial a investidores’”<sup>11</sup>, O Globo reproduz um artigo do britânico *Financial Times* sobre os dois principais candidatos à presidência da República. A descrição do texto e dos atores políticos é semelhante ao quadro desenhado pelo jornal brasileiro. Outro exemplo pode ser encontrado no texto “*Economist*’: Lula perde terreno para Chávez”<sup>12</sup>, em que a revista descreve a relação do brasileiro com o venezuelano. O Globo relata a revista britânica e aponta que o presidente Lula é ingênuo e que foi humilhado por Hugo Chavez, presidente da Venezuela, que hoje seria a voz mais forte da América Latina.

Estas representações são especialmente importantes quando relacionadas ao ambiente político. “O termo política, em qualquer de seus usos, na linguagem comum ou na linguagem dos especialistas e profissionais, refere-se ao exercício de alguma forma de poder e, naturalmente, às múltiplas conseqüências desse exercício”(RIBEIRO, 1998, p.9). Os dispositivos de controle deste poder se mostram ainda mais problemáticos quando pensamos sobre o processo decisório. A decisão, ou de cisão, também é transformada a partir de estruturas persuasivas, no sentido de comover e fazer mover. Daí, o papel fundamental da imprensa como uma experiência diferenciada durante a eleição 2006.

### 3 . AGENDAMENTO

Após discutir algumas questões sobre Ciência Política, este capítulo vai tratar de Teoria da Comunicação, enfatizando o processo de produção da notícia. No Brasil, a partir da década de 50, quando os impressos iniciaram reformas gráficas e se espelharam no modelo de jornalismo norte-americano, a característica mais marcante foi uma tentativa de

---

<sup>10</sup> Na planilha, que será explicada dentro da metodologia deste trabalho, o lugar onde são elencados os Temas da peça jornalística temos uma categoria chamada *Cobertura Jornalística*. Esta classificação se refere a uma espécie de metalinguagem da própria publicação ou de outras mídias.

<sup>11</sup> Em 13 de julho, em O País. No Globo, assina Redação.

<sup>12</sup> Em 29 de setembro, em O País.

modernização, que se apoiava em critério de heterogeneidade e objetividade. O que se pretendia com isso era oferecer um caráter mais universal à publicação, atingindo um público cada vez mais amplo, e atender a uma dinâmica empresarial.

Esta lógica se permeou quando diferentes agentes públicos enxergaram na imprensa um lugar de atenção e interesse, dando início a uma disputa por este espaço. Além disso, a profissionalização e as rotinas de produção instaladas dentro das redações promoveram transformações sobre a abordagem e a importância dos assuntos e a própria seleção dos temas. Neste contexto, a interação entre a comunicação de massa e a esfera pública constitui o centro da discussão sobre o alcance dos veículos de comunicação sobre o cidadão comum.

“Os atores políticos, por sua vez – sejam os partidos, governos, candidatos, movimentos sociais ou outras instâncias da sociedade civil, mais ou menos organizadas –, conscientes em maior ou menor grau desta nova dinâmica dos processos de poder, também procuram interferir, a seu favor, no processo de produção da notícia, profissionalizando sua relação com os meios. Cada vez mais, o conhecimento, intuitivo ou técnico, de como “emplacar” notícias torna-se capital político importante e disputado”.(ALDÉ; XAVIER; BARRETOS, CHAGAS, 2008, p. 186).

Neste sentido, é fundamental investigar quais são as características ou as particularidades que mobilizam o interesse público e transformam um fato em notícia. Estes fatores também implicam no modo como o jornalista organiza a notícia, como seleciona e hierarquiza o mais importante e oferece a informação com certo enquadramento na realidade. Sob pano de fundo, estão os agentes políticos que negociam com os meios de comunicação a construção das agendas e da dinâmica de relação do poder. Enfim, eleger um tema e depois envernizá-lo influencia decisivamente na representação da mensagem.

### 3.1 Fatos, notícias e a permanência do episódio no noticiário

A partir da introdução da imprensa nos primórdios da modernização europeia, combinada nos séculos

seguintes à extensão do sufrágio e às transformações sociais e políticas da democracia de massa, os jornais e jornalistas passaram para o centro da esfera pública, tornando elemento fundamental para mediação entre cidadãos e o estado, bem como em personagens políticos de primeira grandeza, com suas opiniões e atenções disputadas por grupos e agentes de interesse.(ALDÉ; XAVIER; BARRETOS, CHAGAS, 2008, p. 186).

A primeira questão que precisa ser reforçada, quando versamos sobre Comunicação, é que o jornalismo é intencional (WOLF, 1999, p.139) e, por isso, não é por acaso que um fato ganha mais destaque, mais espaço que outro. Todavia, quem define o que é mais importante para o leitor ver, ou aquilo que ele verá primeiro, não é ele próprio, mas um editor. E o que leva o jornalista a tomar essa decisão? Não se pode esquecer que o profissional é funcionário de uma empresa privada, que esta também participa do jogo político e depende de recursos da publicidade, e não raro o maior anunciante é o Estado. Assim, o condicionamento de informações, fontes e pautas não é coincidência.

Os mecanismos de construção de uma narrativa, em geral, são condicionados pelas experiências de quem conta o fato, como se a situação fosse analisada por um olhar que pertence a quadros de referência únicos. De modo que, os elementos que compõem a história são adequados à percepção do narrador que monta um quebra-cabeça e pretende obter uma determinada reação do receptor. Portanto, boa parte das respostas a estas inquietações está nas dimensões de tempo e espaço do jornal, meio físico e do jornalista.

Para elucidar a questão sobre o que transforma um acontecimento em notícia, precisamos olhar para as características do que é reportado em um jornal diário. O primeiro passo para a identificação é um fato que demanda interesse coletivo ou interesse público. Além disso, ele tem que estar inserido em um certo contexto social. No entanto, se não estiver imediatamente, cabe ao jornalista construir essa contextualização.

Outro símbolo da notícia, que se configura mais decisivo que antes, é a temporalidade. Em uma sociedade em constante transformação, que ressalta os valores do presente e do agora, a efemeridade dos assuntos e questões desafia o trabalho dos jornalistas. Na medida em que o tempo se tornou imperativo, a notícia só tem importância e

espaço se for nova e seus desdobramentos são acompanhados segundo um ritual de refrescamento. Isso leva à questão sobre como um tema sobrevive à linha dura do tempo. A adição de fatos novos ou injeções de animo no tratamento do episódio permite que a notícia permaneça com um ar de novidade.

Tal comportamento interpela uma realidade do jornalismo praticado em todo o mundo, que também já se consolidou no Brasil, que é a fragmentação da notícia. Em parte, se dá por causa da busca de informações pela Internet, onde os textos em geral são mais curtos e o leitor tem pílulas informativas que depois vão sendo consolidadas. Esta característica se assemelha à produção no rádio, mas não pretendemos estender aqui esta discussão. A questão que se propõe diz respeito à forma como fragmentação do produto noticiado pode deformar e não informar.

O conceito que tem sido disseminado hoje nas redações é a necessidade de poupar tempo e espaço, sem falar na economia especialmente de recursos humanos. A idéia é oferecer a maior quantidade de informação possível, em um curto período, até porque o que é lugar de onde falam os profissionais é disputado e valioso em termos econômicos, apesar do número reduzido de jornalistas nas emissoras e do acúmulo de funções. Todo esse cenário tem levado à síntese excessiva dos conteúdos.

Outro problema é a disponibilidade para checar, apurar as informações, e a promiscuidade com a facilidade de aceitar a versão de fontes “oficiais” e “oficiosas”, que em muitos casos é o caminho mais curto para se fechar uma matéria. Todavia, este hábito, que praticamente elimina a investigação mais aprofundada, confere graus muito fortes de parcialidade à notícia.

Apesar de tudo isso, há ainda outras hipóteses para explicar o enquadramento da informação, os critérios de seleção e hierarquização dos fatos, como expõe Bourdieu:

“Seria, muitas vezes, o “reflexo de pauta”, praticado de forma automática pelos jornalistas mais experientes e ensinado aos novatos, o fator determinante para a inclusão ou exclusão de notícias, seu relativo destaque, enquadramento e formato. Assim, além dos processos intencionais e conscientes de seleção, priorização e interesse, o condicionamento de práticas não refletidas pelos profissionais dos meios também influi nos

critérios sobre o que vira, ou não, fato noticiável”.(BOURDIEU, 1997, p.193).

No texto “Critérios de noticiabilidade: discurso ético e rotina produtiva”, os autores situam, primeiramente, que um dos pontos que merece atenção é a relação entre a esfera pública e os meios de comunicação de massa. Manuais de redação de jornais com grande circulação, por exemplo, pretendem dimensionar a autonomia que os profissionais atribuem ao próprio trabalho, admitindo o paradoxo de produzir no interior de um esquema industrial, em que as decisões são tomadas de forma centralizada (ALDÉ; XAVIER; BARRETOS, CHAGAS, 2008, p.192).

Muitos jornalistas conferem a si a responsabilidade na formação da Opinião pública, como se desenvolvessem a tarefa de guardiões dos valores democráticos, apesar de subordinados a valores, nem sempre compartilhados, e em muitos casos corporativos. Assim, até que ponto seria possível uma opinião distanciada de interesses? A existência enquadramentos predominantes nos veículos demonstra que a análise social da informação está contaminada.

O perfil de agentes da transformação social, ligado a formação da classe média mais intelectualizada, permite a simplificação uma esfera pública muitas vezes distante dos problemas rotineiros e cotidianos. Sobre os efeitos da comunicação Wolf ressalta:

(...) “é um efeito cognitivo sobre os sistemas de conhecimento que o indivíduo assume e estrutura de uma forma estável, devido ao consumo que faz das comunicações de massa. Em segundo lugar, muda o quadro temporal: já não efeitos pontuais, ligados à exposição à mensagem, mas efeitos cumulativos, sedimentados no tempo”.(WOLF, 1999, p.140).

A acumulação a que se refere Wolf está ligada à capacidade que os jornais têm de manter a relevância de um tema se relaciona com a repetição contínua. O objetivo, portanto, da ênfase da produção de mensagens está alinhado a princípios elementares do jornalismo como a própria construção de uma narrativa, cuja permanência em foco de uma

história leva ao aumento do número de exemplares vendidos, de acordo com o interessante que se supõe do leitor. Daí, as técnicas, estratégias e instrumentos para incorporar uma linguagem importada até de certos campos televisivos para atrair a atenção às denúncias, com uma espetacularização da informação do jornal.

### 3.2 Agenda-Setting

(...) “os mass media fornecem perspectivas, modelam as imagens dos candidatos e dos partidos, ajudam a promover os temas sobre os quais versará a campanha e definem a atmosfera específica e a área de relevância e de reactividade que assinala cada competição eleitoral”. (Lang – Lang, 1962, p.689, in WOLF, 1999, p.142).

Boa parte dos fenômenos identificados na cobertura das eleições presidenciais em 2006 de O Globo, como por exemplo, a expressiva exposição do candidato da situação e o volume de noticiário negativo, pode ser explicada através dos temas elencados como principais. A influência dos mass mídia na construção da realidade social é reconhecida por grande parte dos teóricos. No entanto, no plano político, o alcance é ainda mais forjado pela imprensa, na medida em que muito do que se conhece sobre a vida política é apreendido em segunda ou terceira mão, através dos mass media (Lang – Lang, 1962, p.689, in WOLF, 1999, p. 143).

Inaugurado em 1922, com Walter Lippman, o conceito de Agendamento, ou Agenda- Setting, em uma apropriação do termo da escola americana, foi desenvolvido nos anos 70 por Mc Combs e Shaw. Ela é sustentada pela teoria de que os veículos de comunicação conseguem pautar, utilizando o jargão do jornalismo, o cotidiano e a vida das pessoas. Isso porque o cidadão comum transporta os temas veiculados para as conversas do dia-a-dia. O terreno das campanhas eleitorais também foi objeto dos estudiosos da agenda para explicar o comportamento da imprensa.

Segundo Manual de Redação da Folha de São Paulo, selecionar significa também priorizar assuntos, em detrimento de outros (FOLHA de S.PAULO, 2004, p.21). O trabalho de um jornalista, então, consiste em selecionar qual fato é noticiável e atrelar a ele um certo sentido de relevância social (FOLHA de S.PAULO, 2004, p.27). Esta orientação também



vale para outros impressos, como Globo, que direcionam o conteúdo do jornal, na medida em que elegem um fato, através de critério de noticiabilidade, e têm o poder de chamar a atenção da sociedade.

Neste sentido, o papel dos meios não seria só o de informar, apesar de toda a carga de objetividade que está presente nos textos. Mas também de promover discussões e debates e em alguma medida direcionar as idéias, desempenhando o papel de formadores de opinião. Apesar disso, não se pode acreditar que a mídia tem poderes mágicos e capacidade de manipulação inesgotável. Se assim fosse, o presidente Lula não teria sido eleito após o bombardeio de boa parte da imprensa brasileira, à exceção de poucos como a revista Carta Capital.

Então, surge a pergunta: por que este trabalho vai investir neste caminho? Definir o que estará no centro das discussões de uma sociedade que se prepara para ir às urnas é uma tarefa delicada. E ainda há o agravante de vender a imagem de isenção. O que se pretende mostrar é o desequilíbrio que houve nesta cobertura não somente em termos quantitativos, mas especialmente qualitativos, e que esta característica é em parte provada pelos temas selecionados para dominar a pauta. Em 2006, o assunto foi corrupção, de um lado, e ética do outro.

### 3.2.1 Em pauta: Corrupção

Nas eleições de 2002, o tema central foi a ameaça à política econômica do governo Fernando Henrique, que de alguma forma conferiu certa estabilidade e congelou a inflação. Daí, as incertezas provocadas por mais um ano de candidatura do torneiro mecânico nordestino e petista. Houve alta no risco país<sup>13</sup>, aumento na cotação da moeda americana, o dólar, quedas seguidas na Bolsa de Valores de São Paulo e de investimentos estrangeiros.

Já em 2006, o cenário econômico é favorável, com indicadores positivos e geração de empregos. Neste sentido, o presidente Lula figura em cadernos de Economia por conta da cobertura da agenda do governo, nas pastas da Fazenda, Planejamento e ações do Executivo. Estas discussões acabam sendo incorporadas as rotinas das eleições. No entanto,

---

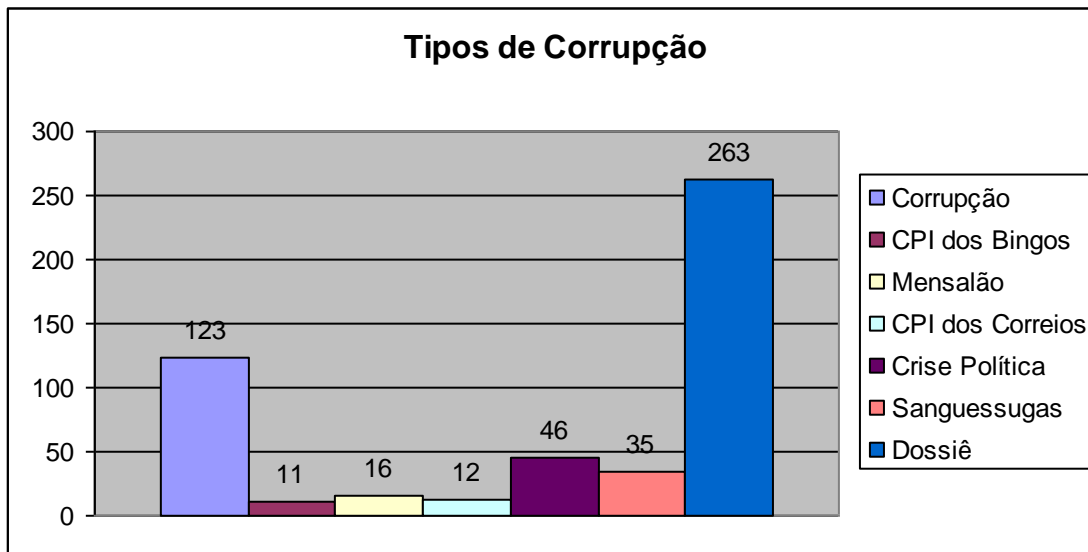
<sup>13</sup> Índice que reflete a percepção de segurança que investidores externos têm em relação a um país.

um tema que até então nunca fez parte do processo e neste ano começa a ser agregado pela imprensa, como uma área em que o governo federal tem uma postura de fragilidade é a política externa. Isso porque, a Opinião Pública cobra reações e posturas mais agressivas do governo brasileiro em relação às questões de América Latina, sempre exercendo julgamento de valor relacionado à demonstração de força do país no cenário internacional.

Temas relacionados ao julgamento ético do governo federal reinaram em Globo. A corrupção e seus desdobramentos começaram a ser explorados um ano antes da própria campanha. O investimento do jornal nesta questão é observado nos gráficos produzidos durante quinzenas que escolhemos porque apresentaram variações interessantes em termos numéricos dentro da cobertura. Como nos diz Tranquina: “Tanto a seleção dos objetos que despertam a atenção, como a seleção de enquadramentos para pensar esse objetos são poderosos papéis do Agendamento”.(TRAQUINA, 2001, p.33).

Em meio a uma eleição presidencial tratar de corrupção e ética, discutindo valores e implicações, não surpreende. O que talvez seja singular em 2006 é o espaço ocupado pelo tema. A exposição de denúncias dominou o cenário e acabou por ofuscar o debate sobre os projetos e programa de governo. A situação foi agravada ainda mais pela retroalimentação, se é que se pode classificar deste modo, entre a imprensa e os partidos de oposição. Os jornalistas influenciam, obviamente, nas agendas dos candidatos e vice-versa, mas a falta de propostas do candidato tucano em certos momentos da campanha incomodou os comentaristas que também fizeram suas cobranças, e assim geraram cobertura negativa para Geraldo Alckmin que para alguns estava sem um norte durante as eleições.

Outro fato que chama a atenção é o desmembramento ou a categorização. A corrupção, também apareceu como: CPI dos Bingos; CPI dos Correios, Mensalão, Dossiê, Sanguessuga e Crise Política. O gráfico abaixo é ilustrativo e mostra quantitativamente a aparição do tema no noticiário durante toda a cobertura em O Globo. Além da diversidade de temas relacionados, o que chama a atenção é o investimento no Caso Dossiê:



**Fonte: Pesquisa e tabulação da Autora**

Todos os assuntos apresentados no gráfico estão relacionados e tratam de uma questão ética, ou seja, fatos que pressupõe juízo de valores. Como se pode observar, só o Caso Dossiê foi o assunto tratado como principal em 263 peças do jornal, considerando que apareceu no final do primeiro turno e recebeu todos os holofotes e canetas da imprensa.

Depois de avaliar os desdobramentos da crise ética que figuraram como vedetes do jornal durante as eleições, medimos o impacto destes temas em cada candidatura. Em uma tabela procuramos relacionar a disposição da Corrupção durante o noticiário e sua influência em relação aos principais candidatos. Acompanhe a tabela:

O GLOBO	Positivo	Negativo	Neutro	Total
Lula Presidente	2,15%	65,67%	32,19%	233
Lula candidato	2,82%	79,44%	17,74%	248
Alckmin	25%	9,62%	65,38%	104
Heloísa Helena	40%	10%	50%	10

Fonte: Pesquisa e tabulação da Autora.

Já era previsível que, tanto na condição de candidato como na de presidente, a ocorrência do tema corrupção teria força negativa para Lula, cujo governo foi o grande centro de denúncias, apesar de informações de fraudes também no Banco Nossa Caixa, em São Paulo, durante o governo de Alckmin, episódio que foi noticiado. O que chama a atenção, porém, é o acentuado índice negativo, que alcança os 79% para Lula Candidato, enquanto que a porcentagem positiva do petista, quando o assunto é Corrupção, não chega a 3%.

A tabela também mostra que o principal opositor de Lula, Alckmin, possui 65% de abordagens neutras ou equilibradas quando está relacionado ao tema. Além disso, no número total de citações do tucano quando a ética está em voga também é muito inferior ao observado no adversário. E ainda, para Alckmin o indicador negativo que fica na casa dos 9% e positivo é de 25% quando o assunto é Corrupção.

### 3.2.2 Temas que merecem referência

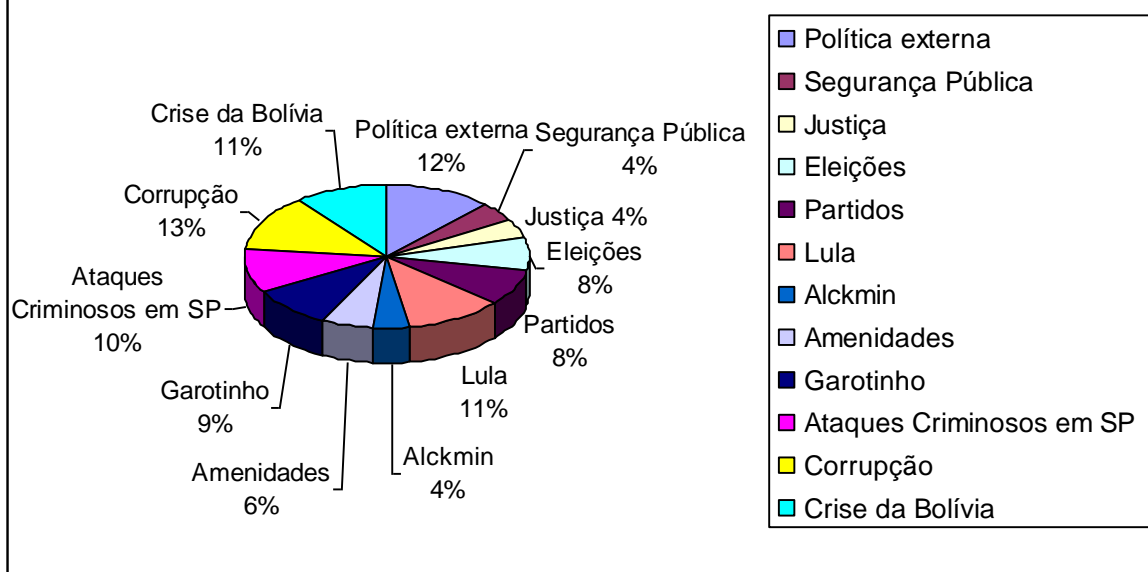
Outros episódios roubaram a cena e merecem referência, em sua maioria, possuem um aspecto em comum como a questão da corrupção. Quando falamos, por exemplo, sobre a repercussão da chamada ‘Crise da Bolívia’<sup>14</sup>, ou ainda sobre o embate entre petistas e tucanos sobre ‘Privatização’, já no segundo turno, pode-se perceber que eles não fazem parte de agenda de governo. Apesar de os dois temas se referirem a assuntos substanciais como política externa, que justamente por conta deste fato pela primeira vez em uma eleição brasileira teve que entrar na pauta, eles imediatamente não estão relacionados ao confronto de projetos de um candidato à presidência.

O gráfico abaixo apresenta os temas, que apareceram no mínimo dez vezes durante o intervalo que vai de 10 a 23 de maio, chamada de “quinzena sete”.

---

<sup>14</sup>No dia 1º de maio de 2006, nas comemorações do Dia do Trabalho, o presidente da Bolívia Evo Morales, publicou um Decreto nacionalizando todas as reservas de gás natural do país, assim como os ativos de empresas estrangeiras no setor de combustíveis. O governo boliviano determinou que o exército ocupasse as empresas da Petrobras no país. A medida surpreendeu o presidente Lula.

## Quinzena 7



Fonte: Pesquisa e tabulação da Autora

A hierarquização ou priorização de determinados assuntos, que podem fornecer uma representação política, está ligada a um mecanismo posterior de Agenda-Setting. Como enfatiza Wolf, a cobertura intencional modesta ou marginalizada faz toda a diferença no produto final do noticiário. (WOLF, 1999, p.151). “As conseqüências não são de pouca monta: a capacidade de redação da agenda das eleições é a capacidade para estabelecer o contexto em que os candidatos são avaliados” (WOLF, 1999, p.150). A estabilidade de uma cobertura isenta também está ligada ao equilíbrio entre uma imprensa que se propõe a prestar um serviço público, exercendo a função de mediar a mensagem e o receptor, e de outro lado, o imperativo da orientação editorial. Neste caso, não se observa atenção para assuntos de conteúdo programático ou propositivo de governo. O destaque, como mostra o gráfico, é a Crise da Bolívia e a discussão sobre política externa, além de Corrupção.

Durante o segundo turno, a metodologia de apuração dos temas sofreu uma alteração. Foi introduzida uma classificação de Tema Específico, como uma sofisticação do Tema Geral. A nova regra tinha como objetivo desmembrar assuntos cuja amplitude dificultava o entendimento dos pesquisadores. Diante disso, um tópico roubou a cena e para

alguns analistas de política definiu o resultado das eleições. Muitos classificaram a introdução dessa questão como a cartada de mestre dos petistas. Em alguns momentos, o que se chamou de discussão sobre Privatização, não dominava essencialmente a matéria, todavia estava presente como fundo ideológico e ponto de diferenciação entre o PT e o PSDB, já que em relação ao projeto político dos dois partidos a distinção não estava tão clara.

#### 4 . LINHAS GERAIS DO NOTICIÁRIO

Nesta seção, além de apresentar um panorama e as principais características sobre o próprio veículo, será explicada a metodologia utilizada como base para esta pesquisa. Este ponto é crucial, pois será a chave para o capítulo seguinte em que estão dispostos os estudos de caso de cada candidato dentro do jornal. O noticiário político em Globo é bastante extenso, está contido no caderno de O País, essencialmente. Porém, na primeira

página, não é raro que as principais manchetes sejam sobre temas políticos, somado a charge diária de Chico Caruso que geralmente também ironiza personagens políticos.

O jornal possui três colunas fixas sobre política, a primeira na página dois, de Tereza Cruvinel, e a segunda na página quatro, de Merval Pereira (só não escreve as segundas), e outra semanal (aos sábados), de Jorge Bastos Moreno. Alguns articulistas serão analisados com mais cuidado, posteriormente, na medida em que seja relevante discutir como a coluna pauta as matérias.

Com o início da cobertura eleitoral, o caderno principal passou a conter, em determinadas páginas, o sub-título “Eleições 2006” que acompanha a disputa para Presidência da República, além da campanha nos estados, principalmente no Rio de Janeiro. A corrida presidencial ocupa o maior espaço, e assim contém o maior número de aparições dos candidatos que disputam o Planalto.

Os presidenciáveis figuram na agenda regional em dois casos: o primeiro, quando fazem campanha com aliados e o segundo, quase sempre referindo ao presidente Lula, nos episódios em que assuntos da esfera federal interferem na estadual. Outro exemplo refere-se o ex-governador Anthony Garotinho, no Caderno Cidade, quando participava de temas relacionados ao governo de sua mulher, Rosinha Garotinho.

No caderno Economia, observa-se maior incidência de menção a Lula presidente, com notícias sobre política econômica, medidas do governo federal, encontros com líderes internacionais e comércio. Destaca-se neste caderno a coluna de Miriam Leitão, que aborda tanto temas econômicos, quanto político-eleitorais, e que não se limita a tratar do presidente Lula, como também dos demais candidatos, suas propostas e características.

A cobertura do Globo, nos seus aspectos mais gerais, dá espaço generoso aos ataques e tentativas de desconstrução e desqualificações entre os candidatos. As críticas ganham bastante repercussão. Ou seja, a ofensiva dos concorrentes e aliados pode ser reproduzida por dias, dependendo do tema, dos desdobramentos, e das reações dos adversários. O importante aqui é observar a frequência com que o jornal reporta a troca de acusações entre os atores políticos.

O Segundo Caderno é a peça do jornal que fala sobre cultura e entretenimento. Cabe observar que alguns colunistas como Arnaldo Jabor e Arthur Xexéo não raro tratam temas

políticos, utilizando recursos textuais que se aproximam do jornalismo literário, ou mesmo do humor, como Agamenon.

Outra característica do jornal é o espaço dado para que pessoas gabaritadas façam comentários sobre temas abordados em notícias. “A palavra de especialistas”, título dado pelo jornal, é o exercício de conferir a palavra a analistas de notória capacidade, reforçado pelo argumento de autoridade. Além disso, o status elevado, certas considerações e análises podem corroborar com a linha editorial e o posicionamento do jornal em relação aos temas.

Diferenciar o conteúdo opinativo daquele apenas informativo é fundamental para o leitor, embora os termos dessa divisão nem sempre estão claros. Desta forma reproduzimos aqui duas tabelas desenvolvidas pelo Laboratório de Pesquisa e Opinião Pública, o Doxa, sobre as valências dos principais atores políticos desta eleição, separados entre a linha editorializada e as matérias (ALDE, MENDES, FIGUEIREDO, 2007, p77)<sup>15</sup>.

Tabela 1 – Valência por candidato – Opinião, em O Globo.

Lula Presidente	Positivo	Negativo	Neutro	Total
O Globo	8%	47%	45%	983
Lula candidato	Positivo	Negativo	Neutro	Total
O Globo	9%	53%	38%	1054

---

<sup>15</sup> O saldo agregado das valências consiste na soma algébrica das porcentagens das valências positivas menos as valências negativas. Assim, este saldo é média geral das valências. Sua relevância explicativa foi testada na dissertação de mestrado de Felipe Borba (2005), por sugestão de Marcus Figueiredo.



Alckmin	Positivo	Negativo	Neutro	Total
O Globo	32%	22%	46%	840
Heloísa Helena	Positivo	Negativo	Neutro	Total
O Globo	30%	15%	54%	289

Fonte: Alde; Mendes e Figueiredo, 2007.

Tabela 2 – Valência por candidato – informação, em O Globo.

Lula Presidente	Positivo	Negativo	Neutro	Total
O Globo	11%	43%	46%	2320
Lula Candidato	Positivo	Negativo	Neutro	Total
O Globo	19%	40%	41%	1410
Alckmin	Positivo	Negativo	Neutro	Total
O Globo	25%	32%	44%	1388
Heloísa Helena	Positivo	Negativo	Neutro	Total
O Globo	32%	17%	51%	402

Fonte: Alde; Mendes e Figueiredo, 2007.

A comparação entre as duas tabelas revela que, a despeito do que era esperado, não se observa diferenças significativas entre os percentuais qualitativos na porção Opinativa do jornal e na seção dedicada à informação. Apesar de uma margem até significativa de abordagens neutras, em ambos os casos, a discrepância é notável entre os índices de negativo e positivo.

Na valência em Opinião, tanto Lula candidato como presidente, o número não alcança 10% e o negativo está em até 53%. Em relação a Geraldo Alckmin e Heloísa Helena possuem respectivamente, 32% de positivo e 22% de negativo, e 30% positivo e 15% de negativo. Os números não são tão discrepantes assim do que se espera de setores do jornal dedicados à Opinião.

Os números referentes ao espaço em que a informação é primordial demonstram que, em relação ao candidato e presidente Lula, não houve espaço para o contraditório dentro do jornal, o que em muitos casos comprometeu os parâmetros de objetividade. Os índices de negativo e neutro oscilam na casa de 40%. O que se espera de uma cobertura mais equilibrada, porém, é que as porcentagens de positivo e negativo estejam mais próximas, como o que se apresenta para Alckmin, como 25% de positivo e 32% negativo, e Heloísa Helena, como 32% e 17%. A comparação entre os dados das tabelas 1 e 2 não revela a diferença que deve existir entre os espaços de Opinião e de Informação.

#### 4. 1 Linha Editorial

Quando se pensa na Linha Editorial de um jornal e como ela se organiza, é quase unanimidade acreditar que a Opinião do jornal se restringe à seção descrita como Editorial. Na verdade, todo o arcabouço de vai desde os colunistas, passando pelos articulistas e até mesmo nas charges, demonstra, ainda que não explicitamente, um posicionamento do veículo.

Todos os jornalistas e comentaristas não ganham espaço no jornal, um lugar disputado e que confere autoridade ao autor, por mero acaso. Quando há colunas fixas, o veículo deposita no profissional a responsabilidade de basear uma análise em detalhes de bastidores, revelando caminhos informativos e jornalisticamente trabalhados, de forma a sedimentar confiança e credibilidade. Obviamente, naquelas linhas estão descritas as orientações do projeto editorial.

No início da década de 90, após a campanha pelo impeachment, a imprensa brasileira passou por transformações. O discurso dos profissionais era uma tentativa de perseguir o pluralismo. Já de meados para o final deste período, o que se observa uma mudança no modelo com ênfase na produção de jornais mais informativos e criativos. O que se tem em 2006 no Globo são figuras que compartilham opiniões, de modo que a discussão e o debate acabam sendo abafados por conglomerados manchetes que reproduzem escândalos e denúncias.

Mais precisamente, o Editorial do Globo possui uma característica pouco comum em outros jornais de circulação nacional no Brasil. De tempos em tempos, sem um

intervalo definido, o espaço dedicado à Opinião do Jornal, normalmente com dois artigos que tratam de temas diferentes, se configurava com um texto do jornal e outro com uma opinião antagônica.

Aparentemente, a iniciativa preza pelo contraditório. No entanto, a mera desconstrução de argumentos esvazia o debate e prejudica a compreensão dos temas em questão. Os artigos se limitam a desmentir um ao outro sem um confronto de idéias verdadeiramente democrático. Isso porque, ainda se pode encontrar inserções de Opinião do jornal semeadas no meio das matérias informativas, com textos mais curtos, períodos simples, e que chamam a atenção do leitor para determinado ângulo da notícia.

#### 4.1.1 Editorial

O Editorial do jornal se localiza na página seis, que também contém as cartas dos leitores. Em geral, são dois artigos da Redação e na página seguinte espaço para Opiniões, ocupado tanto por colunistas semanais, como por artigos diversos. Alguns pontos merecem atenção em relação ao Editorial de Globo e por isso serão analisados pontualmente.

Há este espaço fixo dedicado à opinião do Jornal. Contudo, não é raro encontrar pequenos ‘boxes’ de opinião espalhados no jornal, até mesmo em primeira página, como no dia do incidente na Câmara promovido pelo MLST. São pequenas inserções analíticas, que expressam a apreciação da corporação em relação a fatos que são, por eles, escolhidos e considerados relevantes.

Na página seis, o Globo dá espaço ao ‘contraditório’ em muitas edições. Quando o Editorial é formado por dois artigos, em muitos casos o primeiro é o do jornal, e o segundo é um artigo que se opõe ao de cima, que é a Opinião do jornal. Inclusive com deputados petistas escrevendo artigos, se posicionando a favor do governo Lula.

O Editorial do jornal considera a diplomacia brasileira no governo Lula fracassada, exemplificada pelo artigo ‘Ruína diplomática’<sup>16</sup>. O jornal enfatiza a questão do enfraquecimento do Mercosul e o descontentamento de países membros. A linha editorial avalia que Lula comete um erro grave ao tolerar “personalidades históricas sul-

---

<sup>16</sup> Em 12 de maio, no caderno O País.

americanas”<sup>17</sup>, e prejudica interesses brasileiros em favor de posições ideológicas ultrapassadas. Deixa claro que aproximação do presidente Lula com Hugo Chávez e Evo Morales, líderes da Venezuela e Bolívia, é nociva para os objetivos econômicos do país.

Em relação ao governo federal, o diário acredita que há desperdício de verba, devido à incapacidade planejamento dos recursos. De acordo com a linha editorial, constata-se a ineficácia dos programas sociais do governo Lula, que é causada pelo cunho assistencialista e paternalistas dos projetos. De maneira que, os programas sociais não devem ser confundidos com esmolas, por isso o governo precisa racionalizar os programas, em ‘Falta de foco’<sup>18</sup>.

Além de duras críticas aos “pacotes de bondade” de Lula, que geram dividendos eleitorais. Editoriais enfatizam a necessidade de acompanhar as ações do governo para que as urnas não determinem ações administrativas. O Globo também insiste, não somente no espaço editorial, na dicotomia entre o presidente e o candidato, de modo que são fartas as notícias em que Lula protagonizou agenda presidencial, mas figurava como candidato, propositalmente.

#### 4.1.2 Colunistas e Articulistas:

A partir das descrições do comportamento destes jornalistas na cobertura eleitoral pretendemos responder primeiramente quem são eles. Além disso, saber o que credencia esses articulistas a escrever. Eles fazem parte da Linha Editorial da publicação, portanto, a construção dos artigos e o olhar sobre os fatos devem obedecer a paradigmas da empresa jornalística onde trabalham.

Sobre os três colunistas fixos de política em Globo, pode-se observar que o espaço de Tereza Cruvinel acompanha mais cotidiano da política, adotando postura relativamente descritiva. Em relação a Merval Pereira, verifica-se a estrutura de texto mais substantiva, não sendo rara a utilização de dados para complementar a discussão, reforçando seu ponto de vista. Merval cita acadêmicos com frequência. A coluna combate o governo Lula. O jornalista considera tanto o PT quanto o Palácio do Planalto autoritários. No episódio de

---

<sup>17</sup> Em 14 de maio, no caderno O País. ‘Desacordo amplo’, autor: Redação.

<sup>18</sup> Em 19 de maio, no caderno O País.

violência em São Paulo, o colunista afirma que todos são culpados. Para ele, nem o governo federal e nem o estadual podem se eximir da responsabilidade. Porém, enfatiza a negligência da União.

Por último, Jorge Bastos Moreno que escreve semanalmente, aos sábados, na página três, na base inferior. A coluna, chamada “Nhenhenhe”, se ocupa dos bastidores da política e do Congresso. É um espaço descontraído e bem humorado, geralmente com informações exclusivas e, não raro, reportando diálogos de atores políticos. Jorge Bastos Moreno diz que “Imparcialidade jornalística é conseguir aterrorizar Alckmin e Lula ao mesmo tempo. E com a mesma informação: Eduardo Suplicy e Fernando Henrique Cardoso têm agendado um encontro para breve em São Paulo. Coisa boa dali é que não vai sair”.

A linguagem é descontraída e com opinião de Moreno. A coluna se constitui de textos curtos e precisos, como pílulas de informação, explorando a repercussão de fatos mais importantes da semana e estratégias de campanha. Jorge Bastos Moreno sobre o conselho político de Lula: “Na reunião desta segunda do conselho político de campanha de Lula será discutida a estratégia contra Heloísa Helena, cujo desempenho é a grande ameaça para realização do segundo turno. Mas há entre os 'lulistas' quem ache perigoso atacar uma mulher. O efeito pode ser outro. Só faltava essa: depois dos velhos, agora bater em mulher”<sup>19</sup>.

Falar dos articulistas de política que escrevem com frequência é reconhecer nesses que há um predomínio de uma visão anti-lulista, mas a favor da política econômica do governo. Ilmar Franco em coluna intitulada “Lições da crise”<sup>20</sup>, escreve que apesar da ampla cobertura jornalística sobre os escândalos de corrupção no governo Lula não há unanimidade nacional para a oposição fomentar um processo de impedimento de Lula. E conclui: “O quadro mais provável é a reeleição de Lula”.

A ineficiência do governo Lula é o que sugere a retórica do jornalista Paulo Guedes. No artigo “Choque de gestão X Choque de Exclusão”<sup>21</sup>, Guedes elogia o projeto político tucano, referindo-se ao choque de gestão de Geraldo Alckmin, criticando a hipertrofia do Estado, a ineficiência e a corrupção da máquina pública. Para o articulista, Alckmin é o que

---

<sup>19</sup> Em 29 de julho, no caderno O País.

<sup>20</sup> Em 18 de abril, na segunda página, coluna de política de Tereza Cruvinel.

<sup>21</sup> Em primeiro de maio, no caderno O País.

se aproxima de uma teoria liberal democrata que poderia dar um choque de gestão e inclusão. Além de trazer pontos importantes para a discussão como a necessidade de reforma política.

O articulista Denis Lerrer Rosenfield critica a ineficiência do Estado e enfatiza que a crise política expõe o maior esquema de corrupção já visto na história do país. Lenner chama o governo de farsante e se indigna com a possibilidade de que Lula seja reeleito após a crise de corrupção. Ironiza a questão ética dentro do PT. Denuncia o uso da máquina pública de Lula para fins eleitoreiros. No artigo “Basta!”<sup>22</sup>, Lerrer acusa o governo Lula de fechar os olhos para o grande número de invasões do MST e grupos simpatizantes. Chama ainda a atenção para declarações do presidente Lula sobre sua afinidade com “os companheiros”.

Para o colunista Carlos Alberto Sardenberg, a desigualdade social e os baixos índices de crescimento econômico são resultado das políticas públicas equivocadas. O articulista condena a atitude do governo brasileiro em relação à Bolívia. Segundo ele, Lula faz parte da onda nacional populista que invadiu a América do Sul. Ele também ataca a “bondade eleitoral” de Lula.

Colunas de Fernando Henrique também figuravam em O Globo. Neste espaço, ataques ao governo Lula e comparações com os oito anos de gestão tucana eram recorrentes. FH insistia na exploração do programa Bolsa Família, e destacava que o presidente-candidato estava extraindo dividendos eleitorais de um projeto social criado por outras pessoas. Argumenta que Lula, ao contrário do que se costuma dizer, não pratica a mesma política econômica que ele. Segundo Fernando Henrique, o conservadorismo mais acentuado de Lula dificulta o crescimento econômico e prejudica a criação de empregos.

O jornalista Elio Gaspari escreve dois dias no Globo, sua principal característica é apresentar textos críticos. O autor não enxerga distinção entre os governos Fernando Henrique e Lula. Chama atenção a maneira peculiar com que Gaspari se refere a Lula “O nosso guia”, ironizando a figura daquele que é o governante de uma nação. Em “Depois da farsa petista, a farsa tucana”, ele diz que durante muito tempo o PT requeria o monopólio da ética. Agora, após rodada crise política, o PSDB tenta fazer o mesmo. Para o autor, é um

---

<sup>22</sup> Em 20 de março, no caderno O País.

perigo que as pessoas acreditem, porque há tucanos envolvidos em denúncias de corrupção. Porém, segundo ele, as acusações destes partidários corruptos não repercutem na imprensa.

O colunista, que escreve no Segundo Caderno, Arnaldo Jabor acusa o presidente Lula de aumentar gastos públicos, com fins eleitorais, sob o domínio de um Estado falido, lento e sem dinheiro. O cerne do discurso elitista de Jabor pode ser atestado no artigo “Estamos todos no inferno”<sup>23</sup>, precisamente no trecho: “sociedade esquece as mazelas sociais quando as ondas de violência se acalmam”.

#### 4.2 Cobertura Jornalística

O Globo repercute determinados expoentes da mídia nacional e principalmente internacional, como o jornal britânico *Financial Times*, que afirmou em artigo que apesar de os dois principais candidatos à presidência, Lula e Alckmin, possuírem origens distintas, é difícil diferenciá-los em termos de programa de governo. Mas o diário observa que há diferenças na maneira como pensam em manter a estabilidade. Outro exemplo é a publicação *The Economist*, e ganha destaque o artigo “Lula perde espaço para Chávez”, onde o artigo afirma que Lula foi “humilhado” pelo presidente venezuelano, Hugo Chávez.

Outro exemplo, agora na repercussão do caso da compra do Dossiê Vedoin, O Globo traz pelo menos três matérias sobre a cobertura internacional do escândalo, no dia 26 de setembro. As publicações *The New York Times*, *Financial Times* e *El País* comentando as eleições no Brasil após quase um ano de denúncias de corrupção no governo, mas ressaltando o favoritismo da reeleição do presidente Lula, a despeito de toda questão ética.

A revista “Veja” levantou a suspeita de que o presidente e outros petistas teriam contas secretas no exterior, porém a publicação alegou não ter provas e que a informação teria vindo do banqueiro Daniel Dantas. O Globo reporta na íntegra nota da “Veja”, em que o diretor da redação, Eurípedes Alcântara, explica as acusações veiculadas na publicação a respeito da investigação sobre o banqueiro Daniel Dantas e as contas de integrantes do governo em paraísos fiscais. Sobre a reação de Lula, o título da notícia é “Lula reage à

---

<sup>23</sup> Em 23 de maio, no caderno O País.

“Veja” e chama jornalista de bandido”, o conteúdo da matéria enfatiza que o presidente desqualificou o profissional, porém não apresentou defesa concreta.

#### 4.3 Metodologia

O presente trabalho pretende expor as observações a cerca da natureza da cobertura jornalística das eleições presidenciais de 2006, procurando entender e avaliar suas implicações políticas. A análise apresentada é resultado de parte uma pesquisa iniciada no início do ano de 2000. Esse levantamento, realizado pelo DOXA (Laboratório de Pesquisas em Comunicação Política e Opinião Pública, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ) foi coordenado e orientado por Marcus Figueiredo<sup>24</sup>, Alessandra Aldé<sup>25</sup> e Gabriel Mendes<sup>26</sup>.

O trabalho produzido no Doxa tem como base de realização uma planilha para preenchimento de dados. Todas as matérias, colunas, editoriais, fotos, charges, artigos, manchetes que contêm o nome de algum dos presidenciáveis dessa eleição são minuciosamente elencados de acordo com características formais e de conteúdo.

Os dados são organizados em gráficos relativos à quantidade de vezes em que o nome de cada candidato, ou qualquer tipo de referência a ele, aparece no noticiário. Este número se apresenta também através do conceito que utilizamos aqui é o de Visibilidade, que também podemos classificar como número de aparições. Toda vez que o candidato é mencionado no jornal, inclusive quando são sublinhados por apelidos como “nossa guia” e “picolé de chuchu”, considerados referências ilustrativas em contextos humorísticos, mas que também possuem uma carga de ironia e apelo dos jornalistas. Há um gráfico para acompanhar a trajetória de evolução do noticiário em termos quantitativos de cada personagem da eleição.

Por outro lado, quando no referimos à Valência tratamos dos termos qualitativos, ou seja, da natureza da cobertura. Optamos por classificar as valências de acordo com seu efeito potencial para a candidatura em questão, notando-se ou não intenção de viés ou

---

<sup>24</sup>Professor, diretor de pesquisas e coordenador do Doxa - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ).

<sup>25</sup> Professora e Pesquisadora PRODOC, PPGCOM - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>26</sup> Doutorando, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ).



parcialidade jornalística. Desta forma, os principais critérios para identificar a valência da matéria, em relação a cada candidato, procuram esclarecer se ela beneficia ou prejudica sua candidatura. A valência atribuída a cada um nas matérias é de positiva, negativa ou neutra.

A valência Positiva se refere à matéria sobre ou com o candidato reproduzindo programa de governo; promessas; declarações do candidato ou do autor da matéria ou de terceiros favoráveis, contendo avaliação de ordem moral, política ou pessoal ao candidato. Além da reprodução de ataques do candidato a concorrentes, resultados de pesquisas ou comentários favoráveis.

A classificação de Negativa diz respeito à peça que reproduz ressalvas, críticas ou ataques contendo avaliação de ordem moral, política ou pessoal do autor da matéria, de candidatos concorrentes ou de terceiros a algum candidato, resultados de pesquisas ou comentários desfavoráveis.

E, finalmente, Neutra quando contém agenda do candidato, matéria sobre ou citação de candidato sem avaliação moral, política ou pessoal do candidato. Do autor da matéria ou de terceiros, inclusive de concorrentes.

Quando uma matéria tem elementos positivos e negativos, prevalece positiva, se há mais elementos positivos do que negativos. E negativa, se há mais elementos negativos do que positivos; neutra, se há equilíbrio entre os elementos positivos e negativos. O desempate na classificação é feito por elementos editoriais de destaque, como títulos, subtítulos e legendas, por exemplo, prevalecem sobre o corpo da matéria.

Serão relacionados aqui os principais candidatos com as alterações mais significativas nos gráficos de visibilidade e nos de valência. O período observado vai do dia primeiro de fevereiro até o dia 29 de outubro de 2006, data do segundo turno das eleições.

O Doxa realizou durante toda a cobertura das eleições a divulgação quinzenal dos resultados obtidos na análise do jornal, no site oficial do Iuperj. O objetivo da publicação dos dados relativos à cobertura das eleições presidenciais de 2006 é disponibilizar os registros de visibilidade, quantas vezes cada candidato foi citado em cada jornal, valores totais e valência, a proporção de matérias positivas, negativas e neutras na cobertura dada por cada jornal aos quatro principais candidatos.

Para recolher os dados e preencher a planilha a primeira observação era qualquer menção aos presidenciáveis, ou seja, toda peça gráfica escrita em matérias, chamadas, fotos editoriais, gráficos ou outros formatos, incluindo charges. No caso de Luis Inácio Lula da Silva, duas categorias foram elencadas: presidente e candidato. Isso porque não houve a desincompatibilização de cargos.

A primeira classificação da tabela se dá partir da data e jornal, o número da página o formato<sup>27</sup> e o posicionamento<sup>28</sup>. Além disso, também são categorizados os enquadramentos<sup>29</sup> do jornal e os Temas - Aberto, durante toda a cobertura, e o Específico, no segundo turno. Estes temas foram decisivos para o estudo e compreensão do ambiente e do contexto em que os candidatos figuravam e guardam boa parte da explicação sobre a valência de cada um.

Entre as orientações gerais no portal está explícito que “esta pesquisa se beneficia da discussão coletiva no âmbito da Rede Nacional Mídia e Eleições, que congrega pesquisadores de diversos Estados e instituições”<sup>30</sup>.

## 5 . OS ATORES POLÍTICOS EM CENA

Neste capítulo, as luzes se acendem para os personagens principais desta pesquisa, os candidatos. Muitas figuras públicas participaram das eleições, alguns nem chegaram ao dia de votação, como José Serra e Anthony Garotinho. Enquanto outros tiveram uma participação tímida, como Luciano Bivar e Ana Maria Rangel, cujas candidaturas se destinavam primordialmente a seus pares políticos. Portanto, este trabalho elegeu aqueles

---

<sup>27</sup> Esta classificação foi construída assim: 1) Reportagem; 2) Artigo Assinado; 3) Editorial; 4) Coluna Assinada; 5) Foto, charge, infográfico; 6) Chamada de primeira página; 7) Nota de Coluna; 8) Chamada.

<sup>28</sup> Esta distinção se relaciona com a diagramação da página: Metade Superior; Metade inferior; Quadrante superior direito; Quadrante superior esquerdo; Quadrante inferior direito; Quadrante inferior esquerdo.

<sup>29</sup> Para o enquadramento são quatro possibilidades: 1) corrida de cavalos – expressão que retoma alguns estudos eleitorais para designar a competição entre os candidatos, primordialmente foi empregada diante da divulgação de pesquisas de opinião e intenção de votos. 2) Personalista - se refere ao perfil do candidato. 3) Temático – quando há uma discussão sobre algum assunto. 4) Episódico – dedicado ao factual, ao acontecimento e à agenda.

<sup>30</sup> Orientações para pesquisadores disponível em: <http://doxa.iuperj.br/>. Acessos frequentes a partir de fevereiro.

que se destacaram durante a cobertura e acompanhou a evolução deles através dos critérios de visibilidade e valência, proporcionados pelo Banco de dados do Doxa<sup>31</sup>.

Os quatro primeiros foram os grandes astros das eleições de 2006: Luis Inácio Lula da Silva, presidente e candidato, obedecendo a diferenciação estabelecida na metodologia da pesquisa; Geraldo Alckmin; Heloísa Helena e Cristovam Buarque. Outro nome abordado aqui é o de Anthony Garotinho, que foi pré-candidato, e recebeu especial atenção do jornal carioca Globo.

O gráfico seguir apresenta o número comparado de aparições dos candidatos, de primeiro de fevereiro a 29 de outubro de 2006, dia em que foi realizado o segundo turno das eleições. No eixo vertical estão o número de entradas e no horizontal a marcação temporal, separada por quinzenas. Ele reproduz a candidatura de políticos que não chegaram até o final do pleito e evidencia a exposição daquele que está na situação como Chefe do Executivo, em oposição ao segundo colocado nas pesquisas eleitorais.

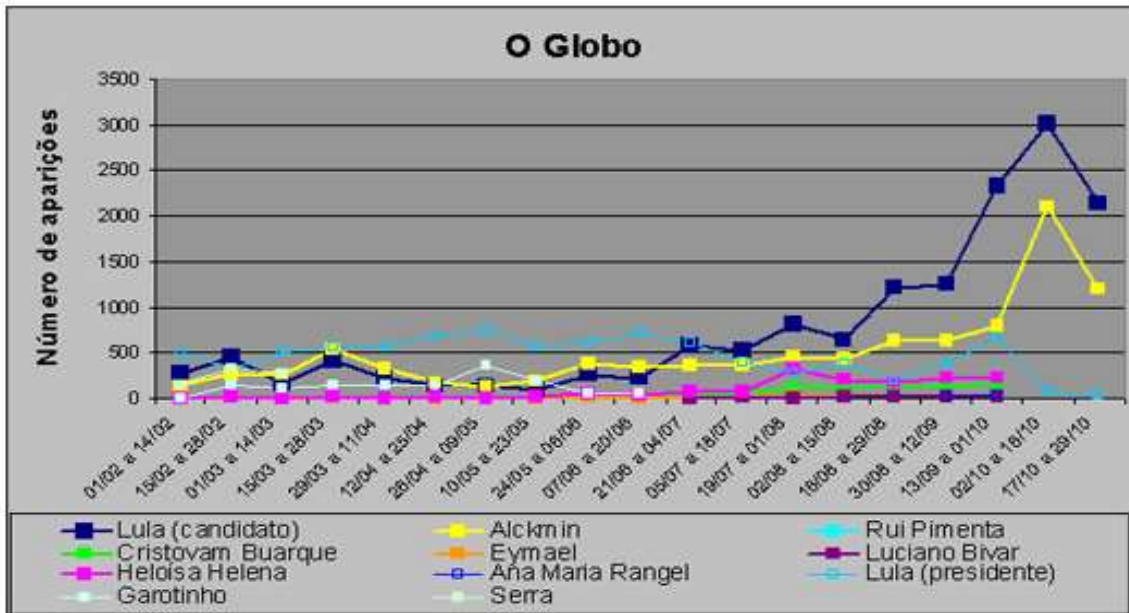
Este quando vai balizar toda análise realizada neste tópico, além disso os dados serão confrontados com os gráficos referentes às valências, que estão dispostos no Anexo deste trabalho. A proporcionalidade entre os números de visibilidade e valência vai determinar o comportamento do jornal em relação a cada uma das candidaturas observadas.

Em números absolutos<sup>32</sup>, no primeiro turno a aparição de Lula presidente, em relação ao demais, atinge 36% e de Lula candidato 32%, ou seja, 68% de todo noticiário foi voltado para o candidato da situação. O seu principal opositor, Geraldo Alckmin, registrou 24%, enquanto Heloísa Helena teve apenas 5% e Cristovam Buarque 3%. No segundo turno a exposição foi menos desigual. Lula presidente teve 1% e candidato 60%. Já o tucano apareceu 39%.

---

<sup>31</sup> Dados retirados do Laboratório e disponíveis em: [http://doxa.iuperj.br/eleicoes2006\\_oglobo.htm](http://doxa.iuperj.br/eleicoes2006_oglobo.htm), acessos frequentes a partir de fevereiro.

<sup>32</sup> A tabela com todos os números está disponível nos anexos. Pesquisa e tabulação da Autora.



### 5.1 Presidente Lula

No gráfico que mostra a evolução das aparições, a curva de Lula presidente é a mais constante de todas, e se mantém bastante acima das outras, até a quinzena 11, no período de 21 de junho a 4 de julho, quando Lula oficializa sua candidatura à reeleição. Neste momento as aparições de Lula presidente caem e há crescimento da curva de Lula candidato. A visibilidade, então, se transfere e é incorporada por Lula-candidato. Em relação à valência do presidente Lula, o que fica mais evidente neste gráfico é que a curva positiva, além de estável, está em um patamar muito abaixo das negativa e neutra, que se alteram entre 30% e 50%.

No intervalo de 15 de março a 28 de março, a curva é muito negativa. Neste período, a CPI dos Bingos investiga a quebra de sigilo do caseiro Francenildo da Costa, e o envolvimento do ministro da Economia, Antonio Palocci. Também estão sendo investigados o filho de Lula e Paulo Okamoto, amigo e presidente do Sebrae. Em 19 de março, Veríssimo escreve: “Os rumos da eleição estão sendo traçados. O ministro mais forte de Lula sob acusação. A definição sobre o candidato tucano, que possui característica do conservadorismo em estado bruto, como: tradição, família e propriedade. E o presidente Lula crescendo nas classes F”.

Na quinzena que vai de 26 de abril a 09 de maio, o presidente Lula divide, em Globo, a atenção com o Anthony Garotinho. A curva de valência do presidente não sofre alterações significativas. Contudo, Lula presidente retoma crescimento da curva de valência negativa, em 02 de maio quando a Bolívia anuncia a Nacionalização do Petróleo. Editorial “O preço da retórica”, culpa o presidente Lula pela atitude do presidente boliviano Evo Morales. A linha editorial de Globo cobra do presidente postura mais firme em relação ao episódio, gerando forte volume cobertura negativa.

Na quinzena oito, de 10 a 23 de maio, o noticiário é essencialmente negativo para Lula presidente. A crise iniciada pela nacionalização de recursos derivados de petróleo, na Bolívia, pode ser apontada como um dos principais fatores para que o percentual de negativos e atinja 49% do total de aparições. Além de novas acusações de Silvio Pereira, que em entrevista ao Globo, revelou que a meta do empresário Marcos Valério era arrecadar R\$ 1 milhão e de afirmar que quem mandava no PT era o presidente Lula. O Globo concede espaço para o presidente do PSDB, Tarso Jereissati, acusar Lula de saber de todo o esquema de corrupção.

No dia 12 de maio, Globo publicou um artigo do presidente Lula, sob o título “As oportunidades da Cúpula de Viena”. Lula ganha espaço para discutir a importância da Cúpula Europa-América Latina e Caribe, em Viena, para o desenvolvimento do país e estimular o comércio. Aqui, o presidente recebeu espaço para defender bases da política externa do governo.

O início dos ataques criminosos em São Paulo também gera noticiário negativo para Lula, na medida em que o diário retoma a discussão sobre promessas de Lula, feitas na campanha de 2002, para Segurança Pública e que não foram cumpridas. Muitos articulistas, como Arthur Xexeo e Merval Pereira criticam a associação que Lula faz entre Segurança Pública e Educação, apontando a falta de incentivos em Educação como característica em seu governo.

A partir da quinzena que compreende o intervalo de 07 a 20 de junho, período em que as candidaturas estão na reta final para serem oficializadas já que a data foi 24 de junho, pode-se notar uma queda progressiva no número de aparições de Lula presidente. A visibilidade, então, se transfere e é incorporado por Lula-candidato.

No intervalo entre 21 de junho a 04 de julho, ainda que as aparições de Lula presidente tenham caído, provavelmente em virtude do aumento de Lula candidato, o noticiário é fortemente negativo, atingindo 50%. O Globo, em 2 de julho, reproduz entrevista do presidente do Comitê para Anulação da Dívida do Terceiro Mundo, o historiador e cientista político Éric Toussaint disse que o presidente Lula é populista e usa o programa Bolsa Família, enquanto que a política econômica é ortodoxa e obediente ao Conselho de Washington.

No período de 19 de julho a primeiro de agosto, o número de aparições de Lula como presidente mantém a tendência de queda. Porém, mesmo com visibilidade menor, o noticiário é expressivamente negativo, mais da metade de toda cobertura e atingindo percentual de 55%. A questão mais explorada pela linha editorial do jornal diz respeito aos gastos do governo, em ano eleitoral. O Globo, em “Bomba-relógio”<sup>33</sup>, alerta os leitores sobre o risco de aumento de impostos, em 2007, por causa da “gastança” do governo, preocupado em influenciar as urnas. E por fim, o artigo cobra o corte imediato das despesas.

Outros pontos que colaboraram para um volume cobertura jornalística essencialmente, negativa, podem ser apontados como: críticas à relação de Lula com os líderes de movimentos agrários, MSLT e MST. E, novamente, a política externa do governo Lula é posta em cheque, no Editorial “Risco Diplomático”. Onde, o jornal argumenta que o fracasso na Rodada *Doha* (negociações na Organização Mundial do Comércio), somado à crise do Mercosul e sem a Alca, a diplomacia comercial brasileira corre o risco de encerrar os quatro anos do governo Lula com um balanço negativo.

Enquanto a oposição se esforça para fazer o tucano Alckmin percorrer estados do Nordeste e Norte do país, onde pesquisas apontam que a maior margem de vantagem para o candidato Lula, eis que surge um fato novo. Um tema roubou a cena nas páginas dos impressos e no noticiário político nacional. O surgimento de um suposto documento sobre o candidato tucano ao governo de São Paulo e que antes era pré-candidato às eleições presidenciais, José Serra, por petistas contamina o ambiente de disputa dos presidenciais.

---

<sup>33</sup> Em 27 de julho, em O País.

De modo que o número de aparições de Lula presidente também é atingido pelo novo escândalo, na medida em que o Dossiê, como ficou conhecido, teria sido produzido e divulgado por integrantes do governo.

O Globo, além da tradicional cobertura de um fato novo, dá espaço para que líderes de partidos que apóiam a candidatura de Alckmin analisem os impactos à candidatura do petista após o escândalo. O colunista do jornal Ilmar Franco expõe em um artigo, que tem como título “A Lambança”<sup>34</sup>, as posições divergentes o deputado Rodrigo Maia, do PFL do Rio de Janeiro, que acredita que a campanha de Lula será afetada pelo caso Dossiê, e a opinião do secretário de relações internacionais do PT, Valter Pomar, que diz o assunto ficará restrito à disputa eleitoral em SP e não atingirá a candidatura de reeleição do presidente Lula. Os dois pensamentos foram expostos para que no final o jornalista, pretendendo uma postura equilibrada, sentencie: “Não é possível prever os desdobramentos, mas são os petistas que têm mais a perder. Para a oposição há um fato novo no ar, que ela pretende explorar para mudar o rumo do processo eleitoral”.

Por vários dias e semanas, o caso Dossiê é explorado e a cobertura é alimentada por uma notícia fresca a cada publicação. Em 19 de setembro, na primeira página do jornal como manchete em destaque o título: “Principal acusado da compra de dossiê assessor direto de Lula”. E diz o texto, na primeira página: “O escândalo do falso dossiê para tentar incriminar o candidato tucano José Serra, que tornou público na sexta-feira em São Paulo, e envolvia principalmente o PT, transferiu-se três dias depois para o gabinete do presidente Lula e para o comitê que cuida de sua campanha. Nunca, no atual governo, um escândalo esteve tão próximo de Lula: Freud Godoy, seu próprio secretário particular, homem de confiança há 17 anos, que ontem pediu demissão, foi citado como responsável pelo dossiê. O autor da denúncia, preso pela PF com R\$ 1,7 milhão, em notas de reais e dólares, também é indiretamente ligado ao PT: ao contrário do que o presidente do partido, Ricardo Berzoini, vinha dizendo, Gedimar Passo é funcionário graduado do comitê da reeleição de Lula, onde atua numa área denominada “Dispositivo de tratamento de informações”. O

---

<sup>34</sup> Em 18 de setembro, em O País.

setor é chefiado pelo petista catarinense Jorge Lorenzetti, churrasqueiro de Lula nas horas vagas”.

Este fato é associação por comentaristas de política ao escândalo do Mensalão, no sentido de explorar que Lula, na época, afirmava que desconhecia um esquema de corrupção tão próximo do gabinete da presidência que derrubou o Ministro Chefe da Casa Civil, José Dirceu. Assim, Merval Pereira, em “Chanchada perigosa”<sup>35</sup> insiste que já é “ridícula a história de que Lula nunca sabe de nada que se passa a sua volta”. E completa: “Ou o presidente é um incapaz ou está envolvido diretamente com os crimes. Mas este episódio só não é hilariante porque retrata o submundo que rodeia o Palácio do Planalto, que já gerou uma “organização criminosa”, na definição do procurador-geral da República. Tanto Lula passou a se comparar indevida e oportunisticamente com Getúlio que acabou metido, pelas mãos do segurança, na trapalhada da compra do dossiê, como fez Gregório Fortunato com Vargas”.

Ainda na publicação do dia 19 de setembro, uma arte, que classificamos na pesquisa como infográfico, na página 5, intitulada de “Perguntas sem resposta”, mostra sete perguntas sobre o escândalo do dossiê que, segundo o jornal não foram esclarecidas. Em quase todas as questões o nome de Lula é citado, como sendo envolvido direta e indiretamente com o escândalo do dossiê, seja pela associação de envolvidos no Palácio do Planalto, seja por correlação com o comitê de campanha do PT. A última pergunta diz: “Como Lula não sabia de uma ação ilegal praticada por um funcionário tão próximo?”.

O último exemplo selecionado para ilustrar a cobertura do episódio Dossiê é o artigo “Crime e Castigo”<sup>36</sup> de Tereza Cruvinel. A passagem foi selecionada porque também é explicativa sobre a dicotomia presidente- candidato Lula. Diz a publicação: “O escândalo do dossiê, envolvendo tanto membros do comitê de campanha de Lula quanto funcionários diretos da presidência da República evidencia e confusão entre o exercício do cargo de presidente e a atuação como candidato petista. O caso é um prato cheio para a oposição, ainda que o ministro das Relações Institucionais, Tarso Genro, se dedique a repudiar o episódio e cobrar explicações do PT. Apesar de Lula ter um eleitorado forte, as pesquisas

---

<sup>35</sup> Em 19 de setembro, em O País.

<sup>36</sup> Em 20 de setembro, em O País.



devem se mexer. Em verdade, o caso do dossiê conta como o antagonismo mortal entre petistas e tucanos em SP”.

Ainda nesta quinzena, um outro assunto começa a aparecer no noticiário, um pouco mais tímido, é verdade, porque a imprensa ainda digere os desdobramentos do caso Dossiê, mas a discussão sobre Privatização dá os primeiros passos. A questão será prioritariamente explorada no segundo turno e tratada como se fosse uma “má vontade perceptível da parte do atual governo em relação a empresas”<sup>37</sup>. Neste caso, o tema é tratado como um assunto de Estado e de governo. Mais à frente, será prioritariamente dirigido à campanha.

## 5.2 Candidato Lula

A curva de aparição de Lula na condição de candidato acompanha o traçado da cobertura do tucano Geraldo Alckmin, se mantendo em desenho simétrico. De modo que, quando o número de aparições de Alckmin decresce, o mesmo ocorre com a linha estatística do petista. Por outro lado, as aparições de Lula presidente tendem a crescer nestes momentos. A respeito do gráfico de valência, observa-se que a proporção de matérias neutras é superior as entradas negativas e positivas. Todavia, a tendência se inverte na décima quinzena, de 7 a 20 de junho, onde se verifica que o noticiário negativo aumenta significativamente, passando de 17% para 50% no intervalo seguinte, ou seja, metade do noticiário é negativa.

Na quinzena quatro, de 15 a 28 de março, para Lula candidato o noticiário não é expressivamente negativo. Apesar da crise política e todas as denúncias de corrupção, pesquisas de intenção de voto apontam para o crescimento de Lula em todos os segmentos. Neste período, consultas populares mostraram que José Serra era candidato mais competitivo do que Geraldo Alckmin. No intervalo de 10 a 23 de maio, para Lula candidato, com curva de aparição baixa, o índice de negativo é de 21%.

No período que vai de 21 de junho a 04 de julho, abrange a confirmação da candidatura de Lula à reeleição, precisamente no dia 24 de junho. Assim, o número de aparições de Lula na condição de candidato aumenta, na mesma medida em que Lula como

---

<sup>37</sup> Em 18 de setembro, em O País, página 6 e assinada por Redação.

presidente tende a cair. Neste período, a valência de Lula candidato chega a 50% de negativo.

Nas linhas gerais da cobertura, metade do noticiário desfavorável para o petista está relacionada, à quantidade de colunas e matérias, que exploram as fraquezas da candidatura de Lula, como as tentativas de desconstrução, não somente por PSDB-PFL. Mas, especialmente por ataques de Heloísa Helena e Cristovam Buarque, ex-petistas que pretendem dar às críticas um cunho de visão interna do poder, podendo correr a credibilidade de Lula<sup>38</sup>.

Outros fatores que fizeram parte do noticiário podem ser enumerados para explicar o volume de cobertura negativa. De um lado, as menções à dificuldade de formalizar os apoios e a incoerência nas alianças do PT. Por exemplo, como o PSB, aliado tradicional de Lula e partido do ex-ministro Ciro Gomes, decide não oficializar adesão. De outro, conflito entre o poder Executivo, com o governo editando medidas para conceder reajuste salarial ao funcionalismo, e do outro o poder Judiciário, no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Marco Aurélio de Mello proibindo o aumento. Sob a alegação de que a legislação eleitoral, não permite reajustes acima da inflação a menos de 180 dias antes do pleito.

Neste momento, o Globo oferece espaço aos ataques da oposição e do PFL, que acusam Lula uso eleitoreiro da máquina pública. Outra questão bastante explorada no noticiário é o que diz respeito às denúncias sobre excesso de gasto com publicidade institucional, em ano de eleições e os “o pacote de bondades” de Lula. Aqui, há evidência da dicotomia entre o presidente Lula e a condição de candidato à reeleição que possui o arcabouço estatal para extrair dividendos eleitorais.

A quinzena que compreende o intervalo do dia 5 de julho a 18 do mesmo mês, o tema que domina a agenda é o de Campanha. Chama a atenção neste período a cobertura fortemente negativa de Lula candidato, que alcança 51%, enquanto o percentual de positivo ficou em 15 e o de neutro 34%. Neste período, com um toque de humor Ancelmo Góes lembra em “Força do povo”<sup>39</sup> que o slogan da campanha de Lula é “A força do povo” - o

---

<sup>38</sup> Em 24 de junho, caderno O País. “A esquerda crítica”, de Merval Pereira.

<sup>39</sup> Em 9 de julho, em Rio.

mesmo que Brizola usou em 1990. E completa que o presidente precisa tomar cuidado com o trocadilho “A força do Povo”.

Já o período que vai de 13 de setembro a 16 de outubro, abarcando duas quinzenas cruciais na dinâmica das Eleições que são a que corresponde ao fim do primeiro turno e a que sinaliza o início do segundo. Estas representações merecem referência, pois de um lado há recorde de aparições, que somadas chegam a 1235, e um índice negativo também alto, de até 58%.

Na quinzena do dia 13 de setembro a primeiro de outubro, o caso do Dossiê dominou a cobertura e na contagem de Temas chega a 182. É importante destacar que o dia em que as fotos do dinheiro que teria comprado o Dossiê contra políticos tucanos, e vazou para a imprensa através de um delegado da Polícia Federal, coincidiu com a notícia da queda de um avião da Gol, que deixou 154 pessoas mortas e era até então o pior acidente da aviação brasileira. A notícia do acidente e as fotos foram divulgadas no mesmo dia, 30 de outubro, já que o desastre havia acontecido no dia 29. As fotos das pilhas de dinheiro estão em cima e com mais destaque do que a do acidente da Gol.

Na relação temática, na quinzena que vai do dia 13 de setembro a primeiro de outubro, enquanto nas tabelas o acidente aparece duas vezes, o caso do Dossiê Vedoim é tema 189 vezes. É claro que o acidente ocupou por semanas o noticiário, mas aqui nós filtramos o que interfere no processo eleitoral através da citação dos candidatos. Também é preciso ter em mente os desdobramentos deste acidente, que é abordado pelo jornal como assunto paralelo ao pleito. Após este desastre, começam a surgir os primeiros sinais de colapso no sistema aéreo brasileiro. O assunto não será aprofundado aqui na medida em que a repercussão principal se dá após as eleições.

Neste período, dois temas ainda merecem reflexão. O primeiro diz respeito ao final do primeiro turno, quando o candidato Lula não comparece aos debates realizados nas emissoras de TV. A cadeira vazia do presidente, aliada à divulgação das fotos do Dossiê, foram os fatores apontados por analistas como definidores para a realização do segundo. A ausência no debate também levou à associação de que Lula teria medo da exposição e em quatro anos de governo concedeu raríssimas entrevistas coletivas.

A colunista Miriam Leitão analisou o debate no artigo publicado no dia 30 de setembro como: “Um desrespeito ao eleitor, uma demonstração de pouco apreço democrático, um ato de arrogância”. Por outro lado no mesmo ensaio, ela argumenta que o candidato tucano também não soube aproveitar a chance de agredir o petista.

Já no segundo turno, o “golpe de mestre”, expressão usada por muitos analistas e comentaristas políticos, foi a discussão sobre privatização. A Linha Editorial de O Globo acredita que enquanto a campanha de Lula soube tirar proveito de um tema do governo Fernando Henrique Cardoso e o explorou, Alckmin não conseguiu se defender das acusações. Por isso, alguns colunistas se arriscam em dar conselhos ao tucano, como Roberto DaMatta: “Geraldo deveria perguntar por que Lula não reestatizou o que foi privatizado<sup>40</sup>” Mais precisamente, o PT transformou o tema em uma questão tão moral quanto toda a discussão sobre a ética nos esquemas de corrupção no governo Lula. É importante destacar que durante todo este período de definição a curva negativa do candidato Lula está acima das linhas neutra e negativa.

### 5.3 Geraldo Alckmin

O gráfico de aparições de Geraldo Alckmin se inicia com poucos registros. Verifica-se mudança nesta tendência a partir da quinzena três. No período que compreende o intervalo entre 15 de a 28 de março, onde o PSDB decide em convenção entre José Serra e Alckmin, a curva de visibilidade do tucano aponta franco crescimento. Porém, é também nesta ocasião em que a linha de entradas negativas se torna ascendente, e atinge o pico de 42% na quinzena seguinte. “Cacos da escolha”, de Tereza Cruvinel, representa o tratamento conferido pelo Globo sobre da disputa interna no partido para escolha de um candidato.

Na quinzena cinco, entre 29 de março a 11 de abril, a curva de visibilidade de Alckmin registra queda de aparições, porém o percentual de notícias negativas demonstra crescimento. Neste período, uma questão é central para o tucano: as denúncias de irregularidades do governo paulista e o banco Nossa Caixa, em relação aos recursos para publicidade, durante sua administração. Na planilha de banco de dados, observa-se que as

---

<sup>40</sup> Em 25 de outubro, caderno O País.

entradas sobre o tema se enquadram no formato de reportagem, ou seja, colunas e os editoriais do jornal não abordam o assunto.

No intervalo de 10 a 23 de maio, o noticiário também é muito negativo para Alckmin, a linha estatística atinge 45%. A campanha de Alckmin tem dificuldade em estabelecer um acordo entre o PSDB e o PFL, a disputa é agravada pela escolha do vice que iria compor a chapa. Além disso, o tucano ainda é um candidato pouco conhecido, principalmente no nordeste. Ilmar Franco, por exemplo, discorre sobre os desafios da campanha tucana, na coluna intitulada “A tarefa do PSDB”<sup>41</sup>. Enquanto isso, “Candidato pálido”<sup>42</sup>, de Miriam Leitão, argumenta que Alckmin, candidato tucano escolhido há dois meses, não deslanchou. A idéia é a de que os articulistas, irritados com o insosso tucano, se propõem a educar o candidato nos artigos, aconselham e oferecem dicas para Alckmin crescer.

Entretanto, o principal motivo para o crescimento da curva negativa do tucano, no referido período, foi o início dos ataques criminosos em São Paulo. Tereza Cruvinel escreve “Dias de Bagdá”<sup>43</sup>, e expõe que os acontecimentos atingem diretamente Geraldo Alckmin, cujo partido administrou a capital paulista por 12 anos e se vangloriava de ter conseguido dominar a principal facção criminosa do estado. Ainda sobre a violência em São Paulo, o Editorial do Globo diz que a culpa é de todas as esferas de poder, apontando a falta de irresponsabilidade do presidente Lula e o governador de São Paulo, Cláudio Lembo, pela onda de violência. Assim como, condena o uso eleitoreiro dos atentados, chamando a atenção para a tentativa de Lula em responsabilizar o PSDB pela falta de segurança. De outro lado, enfatiza a recusa do governo do estado em aceitar ajuda federal.

Na décima primeira quinzena, de 21 de junho a 4 de julho, o número de aparições de Alckmin se mantém estável em relação à quinzena anterior. Já a valência do tucano, atinge o maior patamar positivo desde o início da cobertura (43%). O principal motivo é a divulgação de pesquisas de intenção de voto que mostram aumento razoável de Alckmin e Heloísa Helena. Este dado motiva especulações sobre a possibilidade de segundo turno.

---

<sup>41</sup> Em 10 de maio, no caderno O País.

<sup>42</sup> Em 13 de maio, caderno de Economia.

<sup>43</sup> Em 16 de maio, caderno O País.

No intervalo entre a décima primeira e décima segunda quinzena, de 21 de junho a 4 de julho e de 5 a 18 de julho, a tendência de ascensão de entradas positivas, para Alckmin, dá lugar a ligeiro crescimento da curva negativa, que chega 28%. A nova onda de atentados em São Paulo, novamente, corrobora para o crescimento da curva negativa no gráfico. Todavia, na próxima quinzena, de 19 de julho a primeiro de agosto a curva se inverte e o positivo começa a subir novamente, chegando a 37%. Isso porque pesquisas eleitorais mostram crescimento do candidato e a visibilidade das campanhas.

Entre o dia 2 e 15 de agosto, pode-se perceber a forte trajetória descendente da linha de negativo que chega a um dos menores índices de toda cobertura, 19%. Aqui, o neutro ainda demonstra estabilidade, marcando 40%. É o momento em que a campanha do tucano está percorrendo o Brasil, com objetivo de torná-lo mais conhecido nos estados do nordeste brasileiro, onde Lula tem a maior margem de vantagem.

O jornal também debate a questão da “campanha do voto nulo”. Para o diário, o tucano não consegue canalizar a insatisfação com a Corrupção no governo para votos. Duas alternativas são cogitadas, neste momento. Uma delas é a aposta em Heloísa Helena, como se a candidatura da senadora pudesse tirar votos de Lula e levar a disputa para o segundo turno. Sobre isso, falaremos com mais detalhes oportunamente. A outra é desconstruir o argumento do “voto nulo” para reconduzir os eleitores, na voz de especialistas, como a reportagem de Cássio Bruno: “Jovens fazem campanha pelo voto nulo, com a intenção de protestar e canalizar a insatisfação popular com os recentes escândalos da política brasileira. Mas especialistas dizem que anular o voto não ajuda à democracia”<sup>44</sup>.

No intervalo de 16 a 29 de agosto, o noticiário é fortemente negativo para Geraldo Alckmin, com índice de 40%. A Segurança Pública ainda atinge a candidatura do tucano. Na chamada de primeira página e depois em extensa reportagem do jornal, intitulada “Segurança vira tabu para Lula e Alckmin”, O Globo expõe um dos pontos fracos de Alckmin, mas que também afetaria Lula, e diz: “Petista e tucanos não sabem quando nem como levar ao ar programas eleitorais sobre segurança pública. Pesquisa do PSDB mostra que assunto tira pontos de Alckmin. Já o PT não quer politizar a questão”<sup>45</sup>.

---

<sup>44</sup> Em 6 de agosto, em O País.

<sup>45</sup> Em 17 de agosto, primeira página.

Uma das principais críticas do jornal à candidatura de Alckmin é a falta de programa de governo com propostas contundentes. Para a publicação, a estratégia de campanha dele se perde na medida em que pouco avança na discussão sobre projeto de país e se atém, de forma às vezes inadequada à ética, e argumenta equivocadamente quando se contrapõe às políticas do também tucano Fernando Henrique Cardoso. Em “Alckmin ignora política de juros altos de FH”, a repórter Lydia Medeiros expõe problemas na propaganda eleitoral do tucano, afirmando que Alckmin usou parte de seu programa para criticar a política econômica do governo Lula, atacando a alta carga tributária e a elevada taxa de juros. Mas o tucano ignorou que na era FH o Brasil já praticava as maiores taxas de juros do mundo.<sup>46</sup>

Na passagem do primeiro para o segundo turno, de 13 de setembro a primeiro de outubro, temos o menor índice de negativo da cobertura, 13%. O Globo exalta a “façanha” do tucano que conseguiu reverter uma vantagem assombrosa de Lula. Em “Alckmin: manobra do PT é ridícula”, o jornal, ao reproduzir um ataque de Alckmin, aproveita para legitimar a divulgação das fotos do Dossiê. O Globo ressalta que Alckmin encerrou a campanha ironizando a tentativa petista de impugnar sua candidatura porque o tucano havia se beneficiado da publicação das fotos.

Uma característica do gráfico de valência de Alckmin é uma certa estabilidade da curva de neutros. Se por um lado, a agenda do candidato, a cobertura da campanha e a exaltação de crescimento em pesquisas de opinião são valorizadas. De outro lado, o veículo tenta mostrar erros na estratégia de campanha tucana, com um viés de aconselhamento, e por vezes de irritação, mas não de julgamento de valor.

#### 5.4 Heloísa Helena

A cobertura de Heloísa Helena no Globo foi muito pequena até a décima primeira quinzena, quando a senadora registra crescimento expressivo nas pesquisas de intenção de

---

<sup>46</sup> Em 18 de agosto, caderno O País.

voto e sua campanha começa a tomar contornos mais nítidos. A respeito da curva de valência, no início do noticiário o gráfico se mostra muito irregular, justamente pela pouca visibilidade.

O patamar da curva de neutros no gráfico da candidata do PSOL se mantém acima das entradas negativas e positivas. A publicação procura acompanhar o dia-a-dia da campanha e a agenda de Heloísa. Além disso, a candidata também tem mandato legislativo, de maneira que sua atuação no Congresso também faz parte da cobertura. Outro dado relevante é o espaço que a senadora tem em Globo para fazer ataques, especialmente os que se dirigem ao governo Lula e sobre a crise de corrupção no Planalto.

Por outro lado, a incidência de percentual negativo se justifica pela crítica da linha editorial do jornal sobre a forma como a candidata se dirige aos adversários e o conteúdo do programa de governo de seu partido. Temos como exemplos: “A retórica do “empregadinho””<sup>47</sup>, onde Tereza Cruvinel argumenta que a senadora “caiu em uma armadilha verbal”; e “A língua de HH”<sup>48</sup>, também de Cruvinel.

No intervalo que compreende o dia 19 de julho e primeiro de agosto, Heloísa Helena registra o máximo de aparições, atingindo 130. Neste período, a valência é preponderantemente de entradas positivas, que alcançam o percentual de 42%. Este fato se justifica pela divulgação de pesquisas de intenção de voto que mostram crescimento da senadora, e provoca especulações sobre a possibilidade de segundo turno.

A curva de valência negativa de Heloísa Helena, ainda que não apresente patamares elevados, apontam para a avaliação do diário quanto as suas propostas. No Editorial “Delírios Eleitorais”<sup>49</sup>, Globo procura desconstruir o programa de governo da candidata, classificando suas propostas de radicais e enfatizando que o presidente Lula precisou abandonar este discurso “falido”, nas palavras do jornal, para governar o país. Já o articulista Denis Lerrer Rosenfield, ressalta em “Charme obscuro”<sup>50</sup> que Heloísa Helena resgata “velhas concepções” socialistas que produziram as maiores tragédias da humanidade.

---

<sup>47</sup> Em 21 de julho, no caderno O País.

<sup>48</sup> Em 22 de julho, caderno O País.

<sup>49</sup> Em 25 de julho, caderno O País.

<sup>50</sup> Em 7 de agosto, caderno O País.



Quando se observa o gráfico de valência de Heloísa, pode-se perceber uma linearidade nas curvas de valência, com o de neutro sempre maior e a de negativo sempre menor. O comportamento deste gráfico demonstra que a candidatura de HH, mesmo sendo de um partido recém criado e que tem bases “radicais de esquerda”, foi recebida pelo jornal com certa parcimônia. O noticiário se concentrou prioritariamente na campanha, na agenda e na reprodução dos ataques da senadora.

A cobertura negativa foi fruto, em primeiro lugar, do programa de governo do PSOL, o Partido Socialista, visto como utópico e radical demais para ser implementado e até mesmo levado a sério. Outra repercussão negativa para Heloísa Helena diz respeito ao, muitas vezes polêmico, vocabulário empregado pela candidata, especialmente, no ataque a adversários. É bom enfatizar que o jornal reporta incessantemente a troca de acusações de HH e satiriza o modo de se expressar da senadora. No entanto, em alguns casos a provocação é criticada e classificada como exagerada pelos jornalistas, como na referência de Jorge Bastos Moreno, intitulada “Pisou na bola”<sup>51</sup>. Neste, o colunista se refere expressão “empregadinhos”, utilizada por HH para identificar ministros de Lula.

Destemperos à parte, o que se tem nesta cobertura é uma expressiva tolerância do jornal com relação à Heloísa Helena, especialmente quando se percebe que votos perdidos por Lula, em grande parte, são absorvidos por ela. O que representaria uma oportunidade para levar a disputa para segundo turno.

### 5.5 Cristovam Buarque

A cobertura sobre a candidatura de Cristovam Buarque é iniciada na quinzena seis, de 12 a 25 de abril, mas o número de aparições do candidato não é expressivo. Porém, a partir do intervalo de 5 a 18 de julho, o pedetista passou a ter mais espaço em Globo, dividindo o noticiário com Heloísa Helena, do PSOL.

---

<sup>51</sup> Em 22 de julho, caderno O País.

A visibilidade de Cristovam Buarque na imprensa brasileira é tema relevante. Uma vez que, o principal critério utilizado pelas maiores publicações é o desempenho dos candidatos nas pesquisas de intenção de voto, e Cristovam registra 1%. A regra se mantém em relação a Luciano Bivar (PSL) e José Maria Eymael (PSDC), que possuem comportamento semelhante ao do pedetista nas pesquisas, mas espaço no jornal muito inferior.

Cristovam Buarque que escrevia artigos no Globo, se afastando devido à proibição da legislação eleitoral, é acompanhado na agenda de campanha e recebe espaço generoso para atacar as políticas de governo do presidente Lula. Estes fatores explicam a predominância de neutro e positivo, na curva de valência do senador pedetista, a despeito de fracos índices nas consultas ao eleitorado.

A tolerância com o senador também pode ser explicada pelo enfoque da campanha do candidato pedetista. Muito mais do que se atirar em busca de votos, Cristovam discursava pela implementação de um plano para um choque educacional no país. Ele como uma voz também intelectual e com a autoridade de ex-ministro da Educação conferiu importância à questão e promoveu o debate também entre os concorrentes. É possível que com isso ele tenha alcançado seu objetivo.

#### 5.6 Anthony Garotinho

O noticiário sobre o Anthony Garotinho merece menção nesta análise por conta da forma como o jornal cobre o pré-candidato. Percebe-se que o cerne da cobertura é essencialmente negativo, atingindo percentual de até 82%. Com estes números podemos dizer que o veículo empreende quase uma cruzada contra a possibilidade de candidatura do ex-governador. A relação entre o veículo e este ator político é de conflito, evidenciado pela disputa judicial entre eles. Assim, o aumento de visibilidade de Garotinho em Globo é acompanhado pelo crescimento da curva negativa.

O número de aparições do ex-governador Garotinho se mantém estável, com pouco mais de 100 aparições. Porém, a curva de visibilidade sofre uma alteração significativa no intervalo que vai de 26 de junho a 9 de maio. Neste período, a linha estatística de menção a

Garotinho só é superada por Lula presidente. Em relação à valência, a partir da quinzena cinco, de 12 a 25 de abril, há forte crescimento de noticiário negativo.

A ascensão da curva de Garotinho tem como principal causa uma série de denúncias de irregularidade nas doações para sua pré-campanha, e suspeita de envolvimento de desvios também no governo do estado do Rio. Outro fator considerado relevante, diz respeito às disputas internas no PMDB, entre a ala governista do partido e simpatizantes da candidatura própria.

A greve de fome de Garotinho também recebe muito espaço no Globo, sendo duramente criticada. O percentual de valência negativa chega a 80% de todo noticiário. A Linha Editorial do Jornal considera que o anúncio da greve de fome foi a estratégia encontrada por Anthony Garotinho, para não explicar as denúncias de irregularidade nas doações para sua pré-campanha. O editorial “A verdade da fome” analisa, de forma irônica, a queda da subnutrição no país, nos últimos anos. E diz que Lula poderia aproveitar a Greve de Fome do ex-governador Anthony Garotinho para divulgar o programa Fome Zero.

Para reforçar a opinião do diário, diversas manifestações de repúdio ao ato de Garotinho foram publicadas. Além de apresentar uma pesquisa que mostra 81,25% dos moradores do Rio de Janeiro desaprovam a atitude, o colunista Roberto DaMatta argumenta que Garotinho é populista e que sua atitude é insólita. Por fim, o Globo divulga entrevistas com religiosos que também demonstram indignação.

Por outro lado, no dia primeiro de maio, o jornal publicou, integralmente, por determinação judicial, uma carta que Garotinho escreveu “Ao povo brasileiro”. Nesta mensagem, Garotinho acusa veículos de comunicação, especialmente as Organizações Globo, de construir uma rede de conspiração contra ele. No mesmo dia, no editorial, “Nota da Redação”, Globo se defende das acusações do ex-governador e argumenta que todas as denúncias publicadas foram fundamentadas com provas.

Pode-se deduzir que o espaço dado a Garotinho foi reocupado pelos principais candidatos, com destaque para Lula e Alckmin, especialmente pelo presidente.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A correlação de poder entre as diversas correntes político-culturais e a imprensa está no centro dos debates da sociedade. No momento em que este trabalho é regido, o país se prepara para ir às urnas novamente. Desta vez, os municípios são o alvo da disputa. As considerações apresentadas neste trabalho, dois anos após o pleito que levou ao poder o chefe do executivo, também deve articular críticas e reflexões sobre a cerca da cobertura jornalística deste ano, incentivando uma postura que tem o registro e a interpretação como balizas para que os mesmo erros não sejam cometidos.

O imperativo dos meios de comunicação é uma das forças de maior intensidade dentro deste processo. Assim investigar os mecanismos de produção dos veículos é fundamental para entender as implicações na Opinião Pública.

Para muitos, a reeleição de Lula em 2006 significou um marco no jornalismo político brasileiro. Na ocasião, a mídia empreendeu uma cruzada anti- Lula e anti – PT. Durante todo o período eleitoral, os profissionais não se limitaram a assumir uma postura crítica diante da notícia. O que se observou, porém, foi uma expressiva exposição do candidato da situação em detrimento aos demais e na mesma medida uma cobertura fortemente negativa. A despeito de tudo isso, o resultado do pleito encerrou uma derrota não apenas para o candidato do PSDB, mas acima de tudo para a mídia brasileira.

Não há efetivamente nenhum problema em demonstrar simpatia por um presidenciável. Em muitos países a imprensa é partidária, como já foi também no Brasil. A questão é expor ao leitor esta preferência, não permear a dúvida e demonstrar claramente esta Opinião. No entanto, nesta eleição ficou evidente a tentativa de uma cobertura com características de isenção e objetividade, onde se espera o mínimo de compromisso com os fatos. No entanto, o que pesou foi o desequilíbrio, não apenas em termos numéricos, mas principalmente qualitativos.

A cobertura das eleições no jornal O Globo foi, portanto, numericamente desequilibrada. O candidato da situação conseguiu ocupar, no primeiro turno, 60% de exposição, do espaço destinado a todos os presidenciáveis dentro do jornal. No entanto, com relação à qualidade do noticiário, grande parte visibilidade de Lula era gerada através aparições negativas. Nem Heloísa Helena, considerada candidata que propunha os projetos

mais radicais e mais afastados da Linha Editorial do jornal, recebeu tratamento semelhante. Por toda a exposição apresentada, pode-se inferir que a publicação carioca simpatizava como o projeto político tucano e até investiu nos votos que Heloísa Helena conseguia tirar de Lula como um meio, um instrumento, para arquitetar um segundo turno entre o presidente e o segundo colocado.

As considerações deste trabalho não seriam possíveis sem a aplicação da metodologia desenvolvida há anos pelo Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Opinião, o Doxa, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, e a aplicação do banco de dados nas análises aqui apresentadas. É importante salientar que com base nestes arquivos, se estabeleceu uma leitura sobre o objeto que colaborou para a construção deste cenário que foi a escolha da Agenda, da pauta do jornal e a abordagem da notícia, como um processo de apropriação dos fatos. Esta pesquisa apontou um, entre os infinitos recortes possíveis, na medida em que a abrangência do método e do extenso conjunto de informações permite que outros pesquisadores estudem os fenômenos destas eleições sob outro ângulo de análise.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, Sérgio. **Foucault, político.** Disponível em: <http://brigadasinternacionais.blogspot.com/2006/10/foucault-politico.html>. Acesso em: 17 MAI 2008.

ALDE, Alessandra. **Liberdade e igualdade em Marx e Tocqueville.** Cadernos de Sociologia e Política. Rio de Janeiro, v.1, n.1, 1995.

ALDE, Alessandra; MENDES, Gabriel e FIGUEIREDO, Marcus. **Imprensa e eleições presidenciais:** natureza e conseqüências da cobertura das eleições de 2002 e 2006. In: LIMA, Venício. A mídia nas eleições 2006. Perseu Abramo. São Paulo, 2007.

ALDÉ, A.; XAVIER, G.; BARRETOS, D.; CHAGAS, V. **Critérios de noticiabilidade: discurso ético e rotina produtiva.** In: ALCEU – Revista de Comunicação Cultura e Política, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 186-200, jan/jun 2005. Disponível em: [http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu\\_n10\\_alde.pdf](http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n10_alde.pdf). Acesso em: 26 ABR 2008.

ALBUQUERQUE, Afonso de. **Um outro quarto poder:** jornalismo e compromisso político no Brasil. Revista Contracampo. Rio de Janeiro, n. 4, 2000.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1961.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

DOXA. Disponível em: <http://doxa.iuperj.br/>. Acessos freqüentes desde FEV. 2008.

FIGUEIREDO, Marcus. **Mídia, mercado de informação e opinião pública**. In: Informação & democracia. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2004.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**: com notas de Napoleão Bonaparte. Tradução de J. Cretella Jr. e Agnes Cretella. 3. ed. da tradução. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2003.

PEREIRA, Raimundo Rodrigues. **Os fatos ocultos**. Carta Capital, n. 415, p.20-26, 18 out.2006.

QUIRINO, Célia Galvão. **Tocqueville**: sobre a liberdade e a igualdade. In: WEFFORT, Francisco. Clássicos da política (org .). v. 2. Rio de Janeiro: Ática, 1989.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Política**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SILVA. Antonio Ozaí da. **Eleições, Tocqueville e a “tirania da maioria”**. Revista Espaço acadêmico, n. 67 Dezembro de 2006 Mensal Ano VI. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/067/67ozai.htm>. Acesso em: 21 ABR 2008.

TRAQUINA, Nelson. **A redescoberta do poder do jornalismo**: análise da evolução da pesquisa sobre o conceito de Agendamento (Agenda-Setting). In: O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América**. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1977.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.





ANEXOS:

TABELAS DE VISIBILIDADE 1º E 2º TURNOS

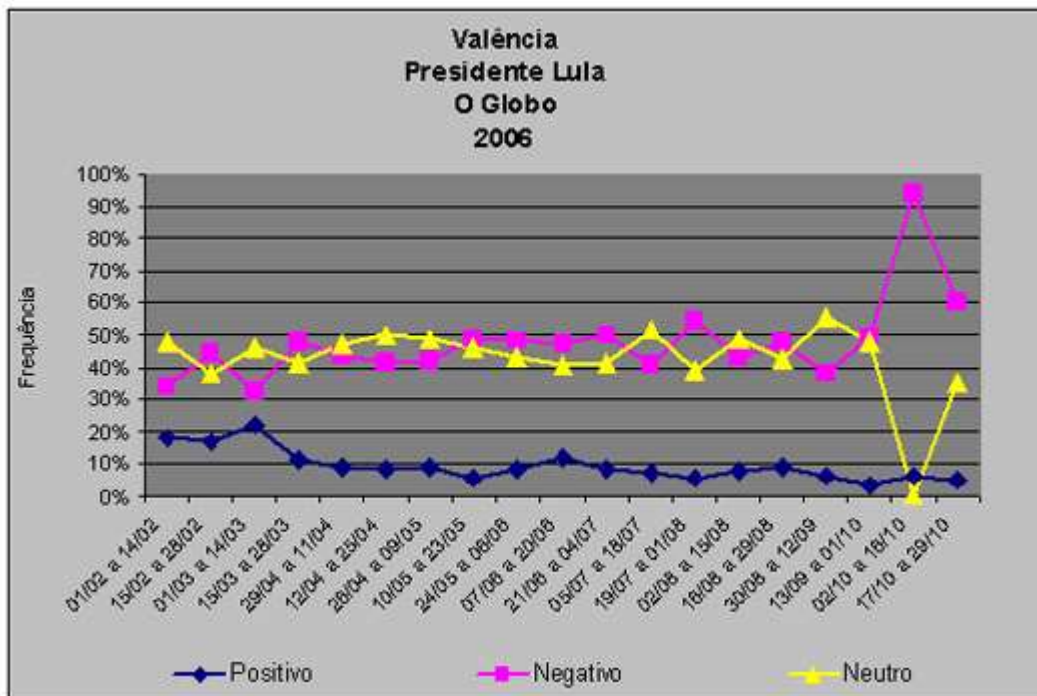
	Lula (candidato)	Alckmin	Rui Pimenta	Cristovam Buarque	Eymael	Luciano Bivar	Heloísa Helena	Ana Maria Rangel	Lula (presidente)
Quinz. 01	274	136	0	0	0	0	5	0	492
Quinz. 02	459	283	0	0	0	0	14	0	337
Quinz. 03	165	268	0	0	0	0	2	0	511
Quinz. 04	412	535	0	0	0	0	23	0	552
Quinz. 05	219	332	0	0	0	0	6	0	553
Quinz. 06	145	178	0	10	0	0	10	0	672
Quinz. 07	133	127	0	3	0	0	6	0	766
Quinz. 08	90	198	0	15	0	0	14	0	560
Quinz. 09	264	384	0	36	13	0	45	0	618
Quinz. 10	226	341	0	19	1	0	27	0	720
Quinz. 11	576	370	1	56	2	2	71	0	602
Quinz. 12	522	367	11	69	12	15	68	0	395
Quinz. 13	823	455	8	101	12	8	323	0	287
Quinz. 14	641	429	12	98	14	15	206	0	385
Quinz. 15	1215	625	14	137	10	13	180	0	189
Quinz. 16	1259	631	17	122	13	11	227	17	376
Quinz. 17	2333	812	9	158	10	10	235	30	669
Quinz. 18	46	21	0	4	0	0	6	0	1
<b>Total</b>	<b>9802</b>	<b>6492</b>	<b>72</b>	<b>828</b>	<b>87</b>	<b>74</b>	<b>1468</b>	<b>47</b>	<b>8685</b>

Fonte: Pesquisa e tabulação Autora

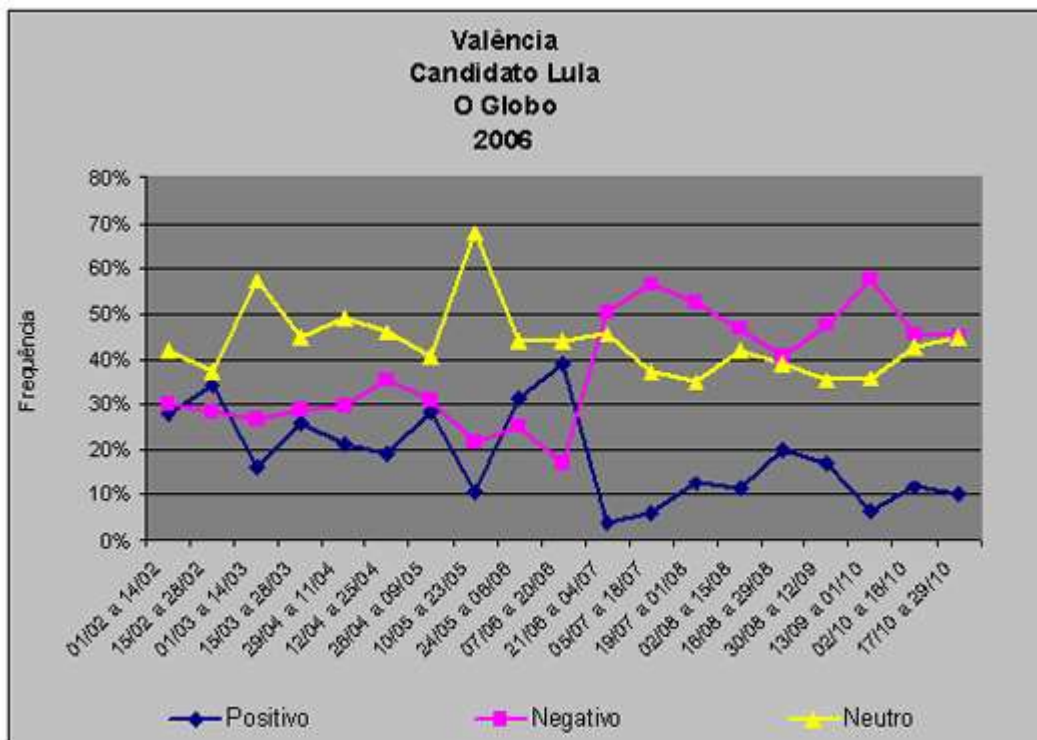
	Lula (candidato)	Alckmin	Lula (presidente)
Quinz. 18	3016	2104	77
Quinz. 19	2148	1208	35
<b>Total</b>	<b>5164</b>	<b>3312</b>	<b>112</b>

Fonte: Pesquisa e tabulação Autora

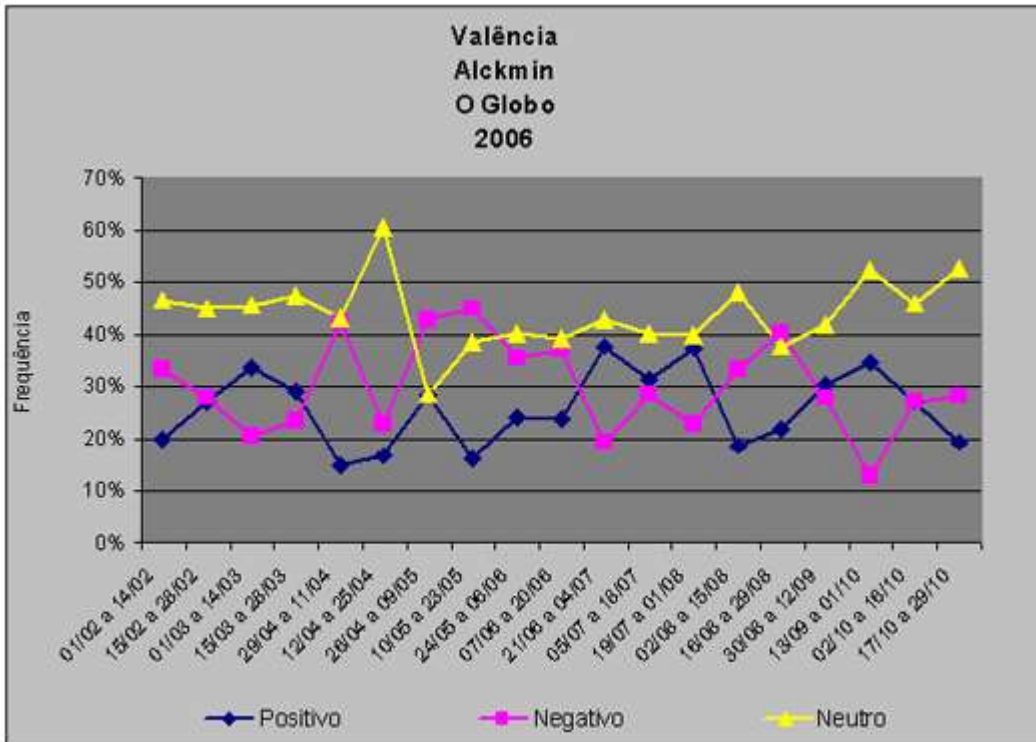
## GRÁFICOS DE VALÊNCIA



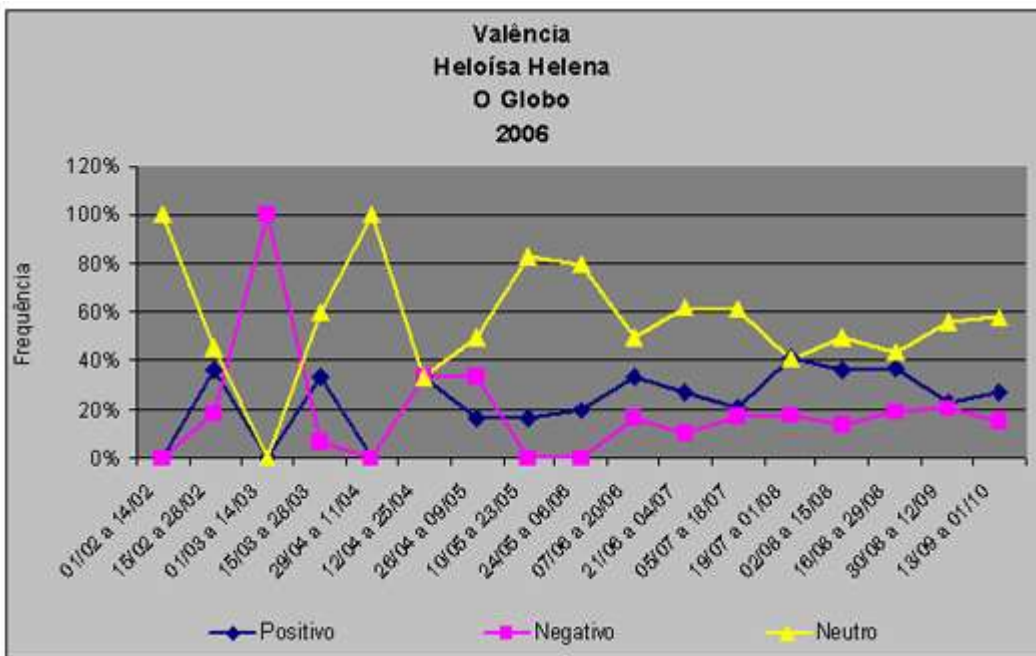
Fonte: DOXA - IUPERJ



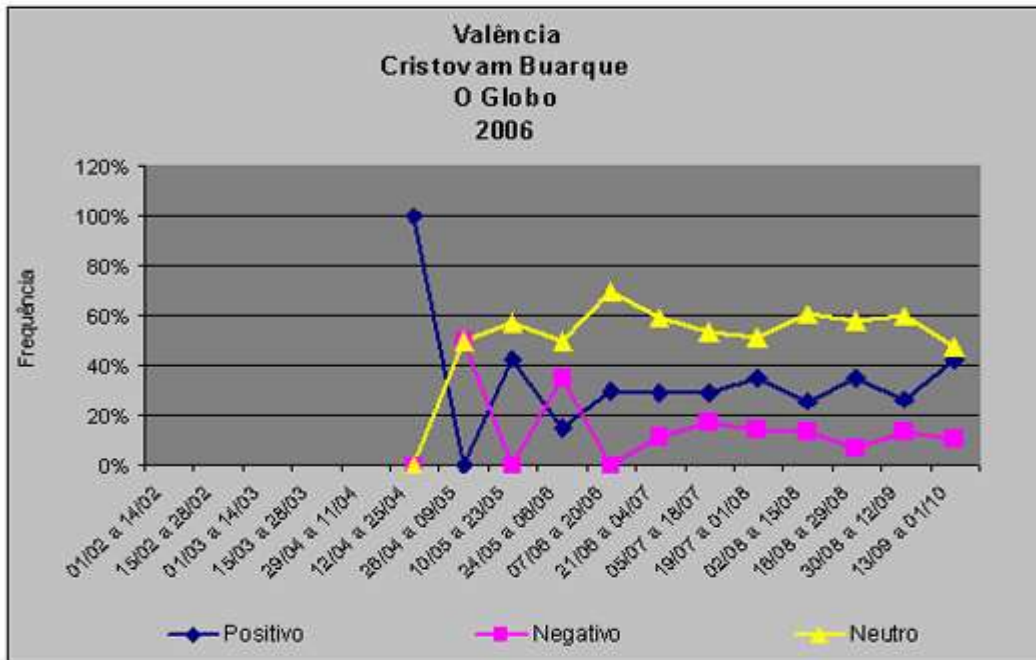
Fonte: DOXA - IUPERJ



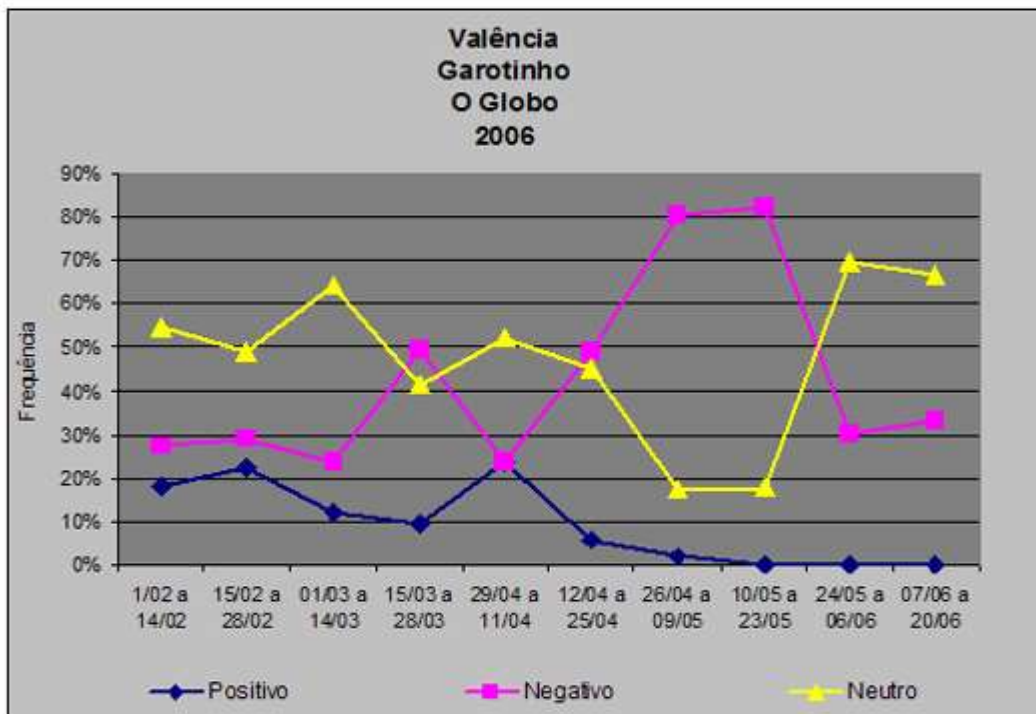
Fonte: DOXA – IUPERJ



Fonte: DOXA – IUPERJ

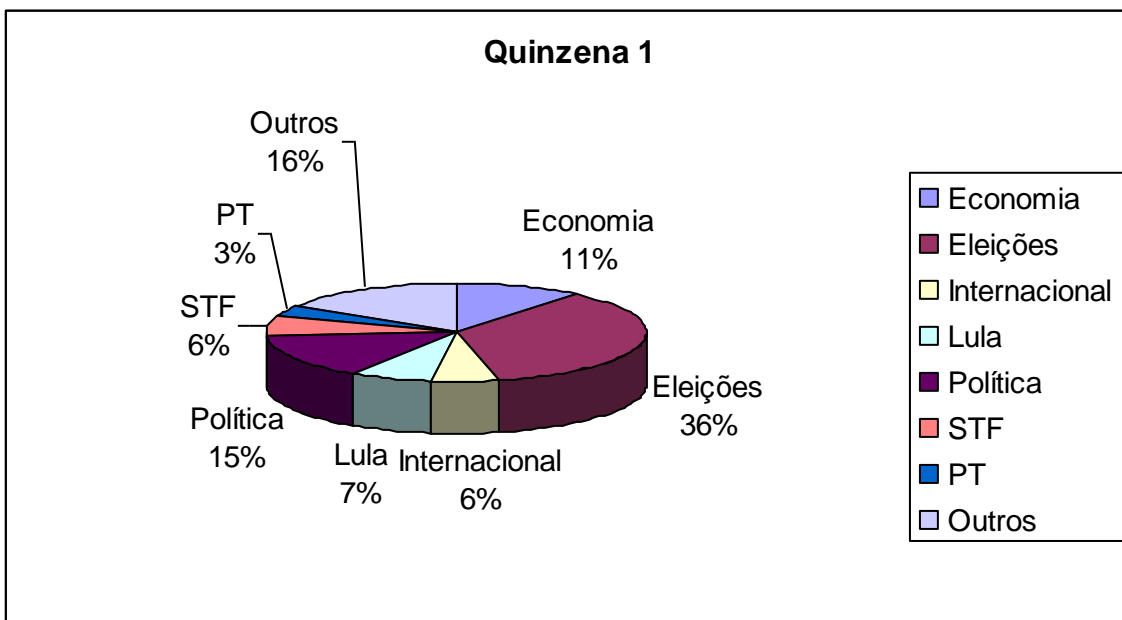


Fonte: DOXA - IUPERJ

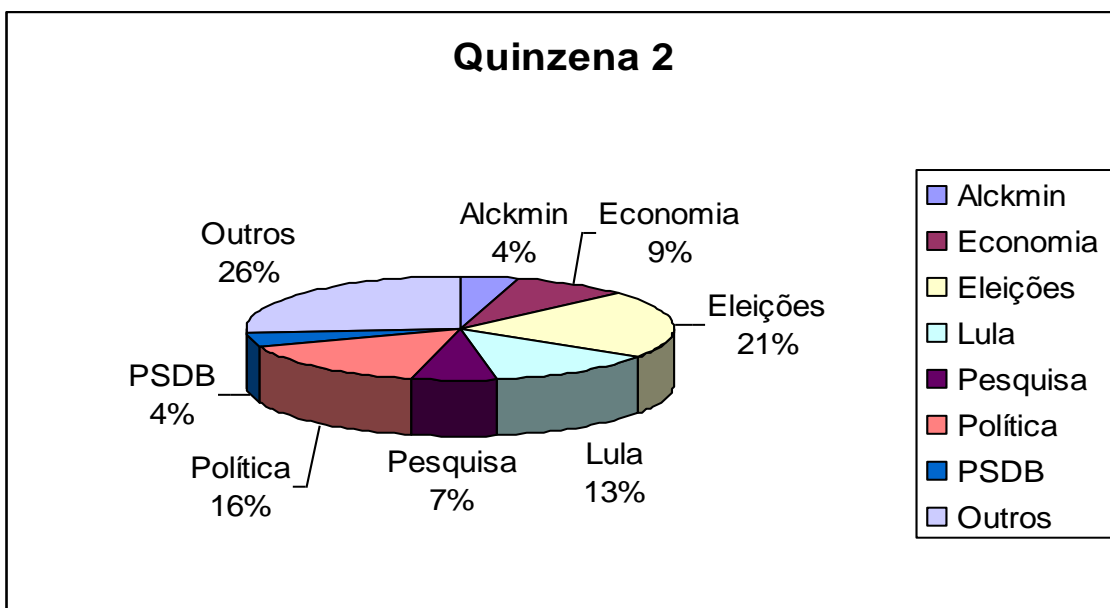


Fonte: DOXA - IUPERJ

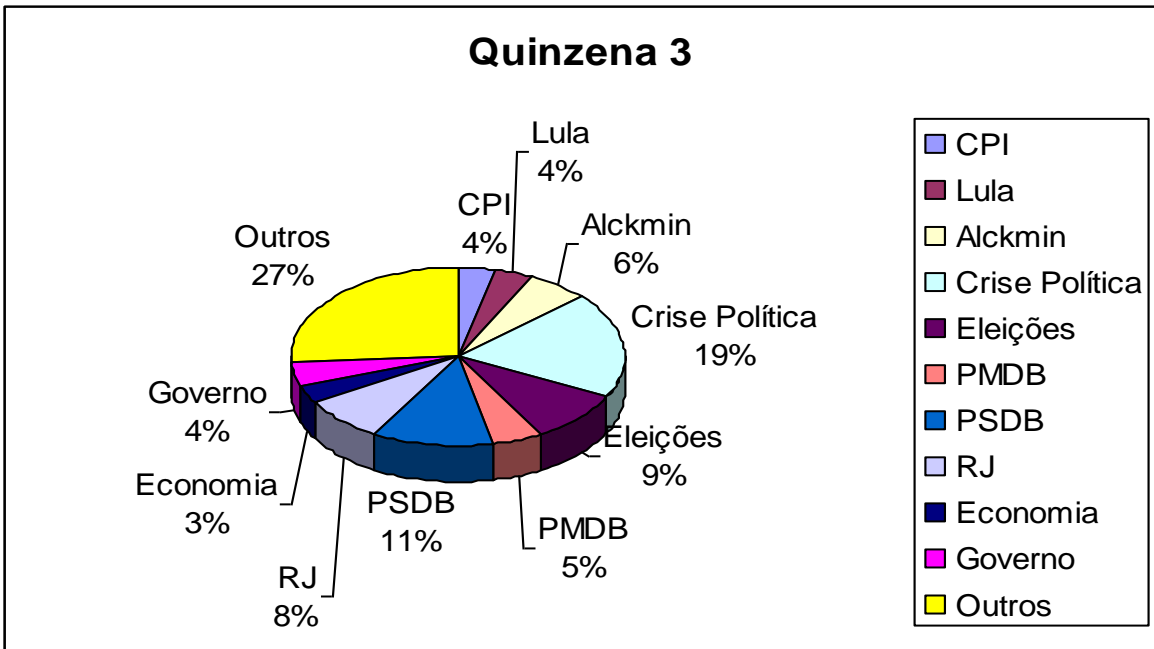
## GRÁFICOS DE TEMAS:



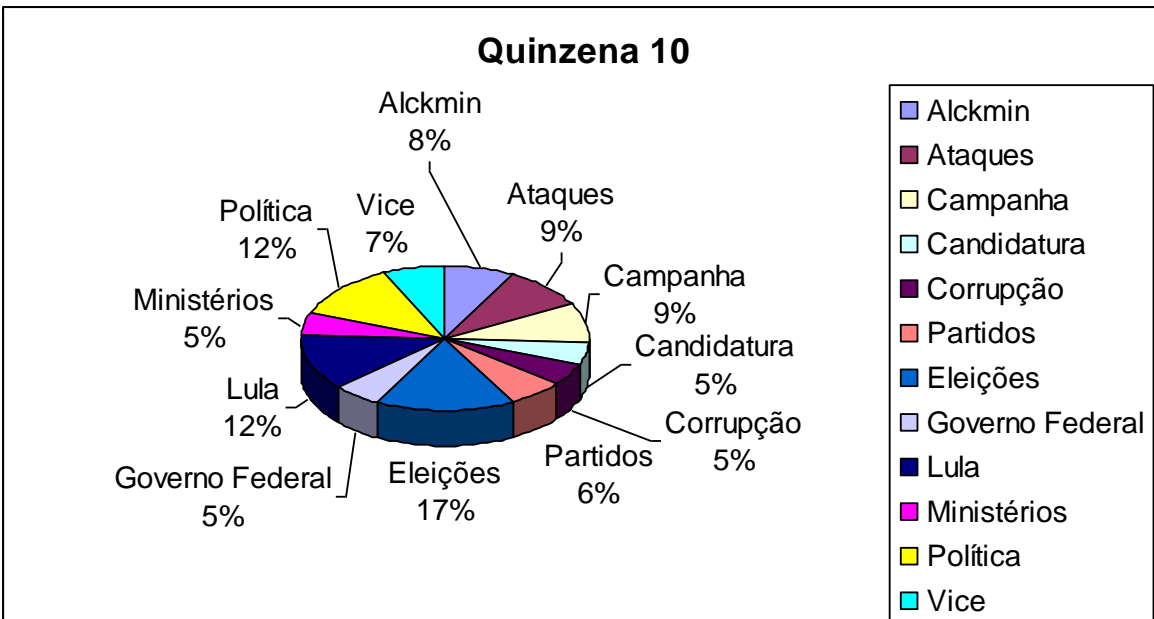
Fonte: Pesquisa e tabulação Autora



Fonte: Pesquisa e tabulação Autora

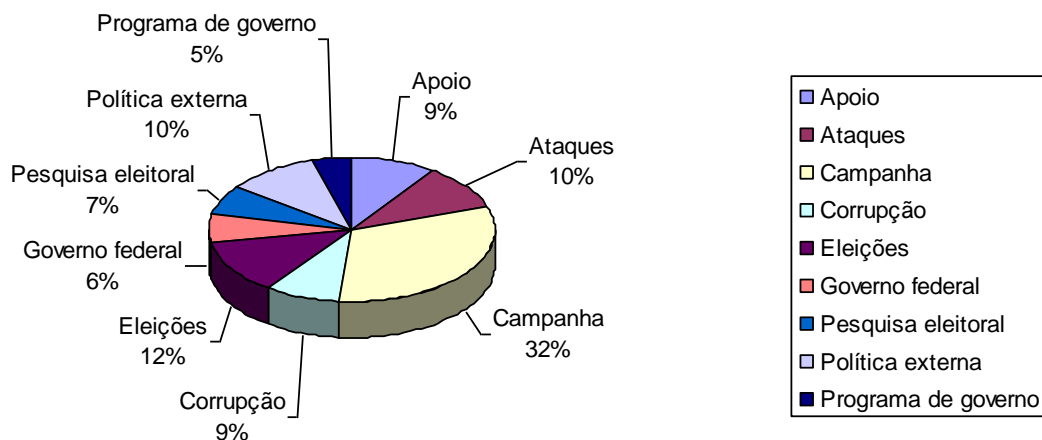


Fonte: Pesquisa e tabulação Autora



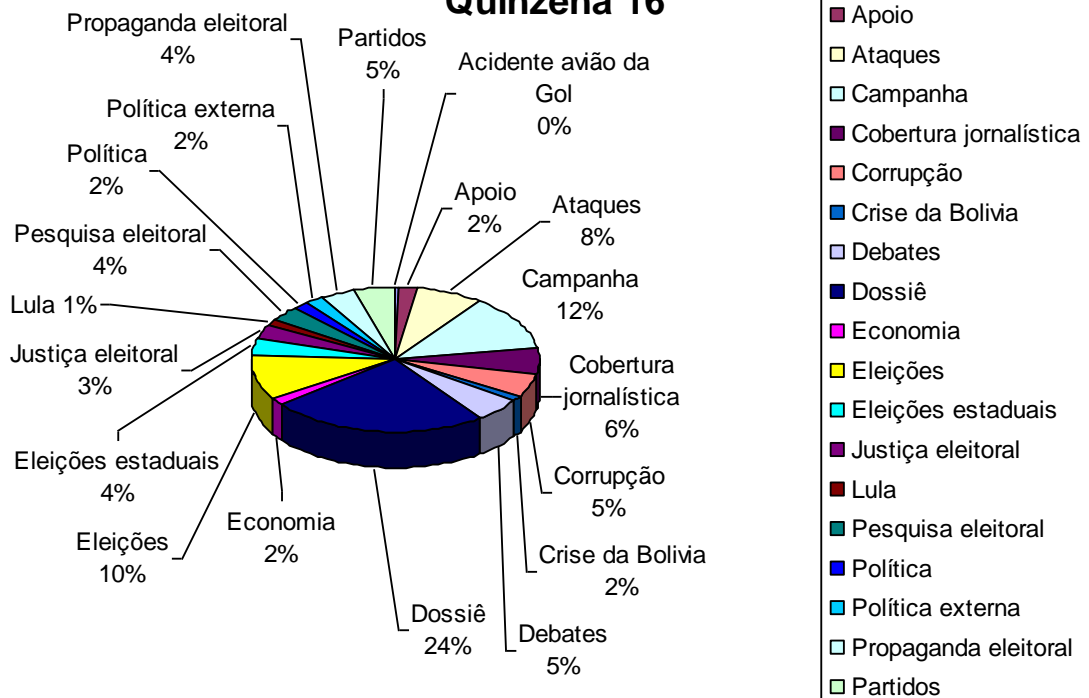
Fonte: Pesquisa e tabulação Autora

## Quinzena 12

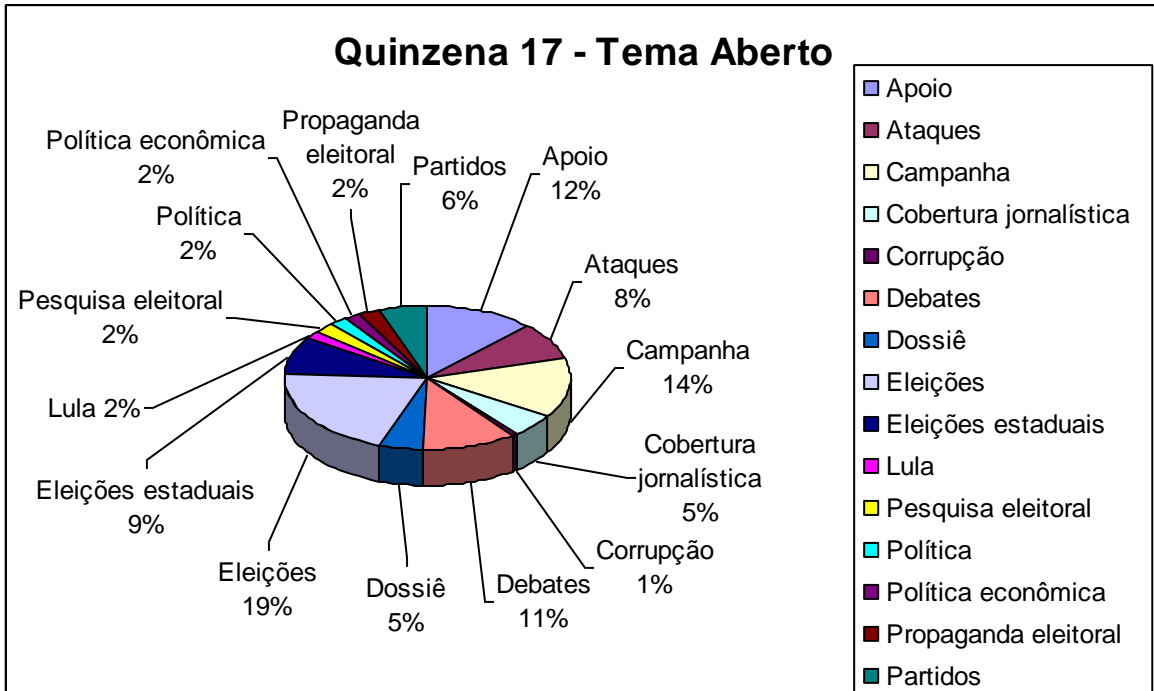


Fonte: Pesquisa e tabulação Autora

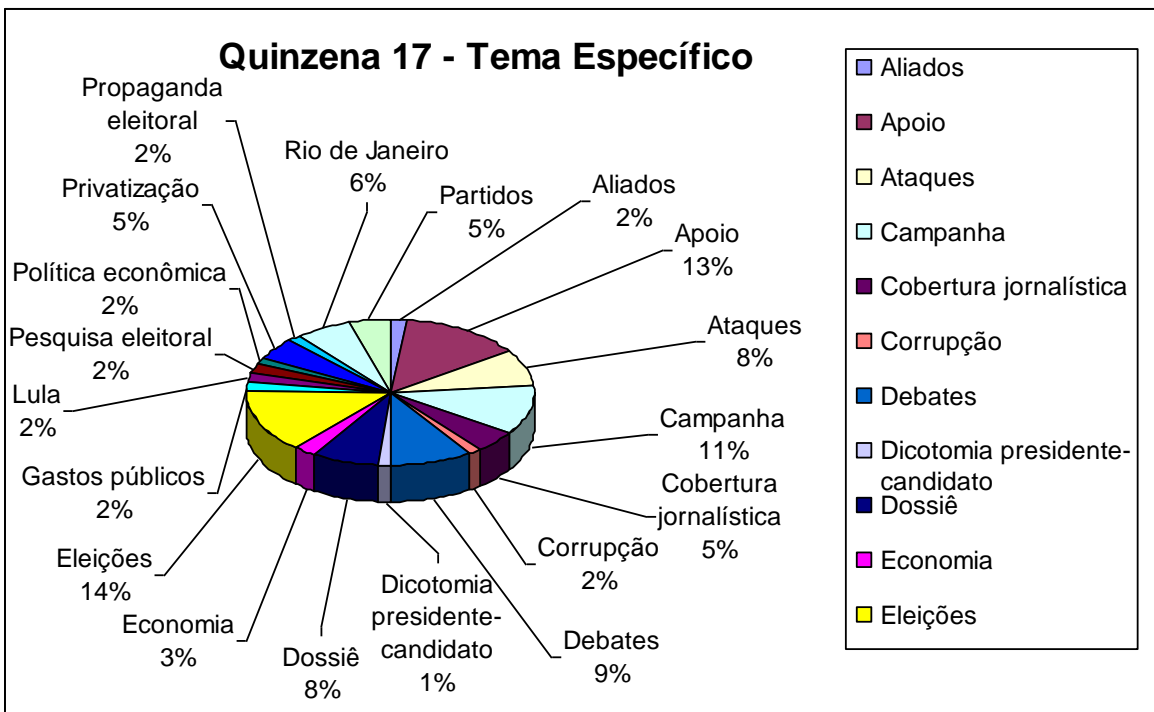
## Quinzena 16



Fonte: Pesquisa e tabulação Autora



Fonte: Pesquisa e tabulação Autora



Fonte: Pesquisa e tabulação Autora









## BANCO DE DADOS:

Data	Matéria	Formato	Título	Autor	Pág	Caderno	Posição	Tema específico	Tema aberto	Enquadra m.	Resumo/legenda	Lula (candidato)	Alckmin	Lula (presidente)	Lula (candidato)	Alckmin	Lula (presidente)
1/2/2006	1	6	PSDB e Planç	Redação	1	1	6	Eleições	3	Alckmin e Serra atacam Lula e o	2	1	0	2	3	0	
1/2/2006	2	3	Tereza Cruvin	Redação	1	1	6	Eleições	3	Para os tucanos, o mais difícil es	1	0	0	3	0	0	
1/2/2006	3	4	Momentos	Tereza Cruvin	2	1	4	Eleições	1	Situação pré-eleição: PSDB enfr	12	4	0	1	3	0	
1/2/2006	4	1	Tucanos sobe	Flávio Freire	3	1	5	Eleições	3	Tucanos criticam a corrupção no	0	4	8	0	3	2	
1/2/2006	5	5	Prefeito e gov	Bruno Mirand	3	1	4	Eleições	3	Em uma roda de cinco senhores,	0	1	1	0	3	2	
1/2/2006	6	1	Em vez de rép	Gerson Cama	3	1	6	Eleições	3	Lula responde aos ataques de Ft	0	0	8	0	0	1	
1/2/2006	7	1	Para responde	Redação	3	1	6	Eleições	3	Governo Federal responde a críti	0	2	0	0	3	0	
1/2/2006	8	1	Jobim diz que	Redação	4	1	5	CPI dos Bi	4	Nelson Jobim explica que o defer	0	0	4	0	0	3	
1/2/2006	9	3	Justiça isenta	Redação	6	1	7	CPI dos Bi	3	Nelson Jobim tem aspirações pol	0	0	1	0	0	3	
1/2/2006	10	4	Deram os ded	Élio Gaspari	7	1	4	Eleições	3	Caixa 2 é estratégia usada por to	0	1	2	0	2	2	
2/2/2006	1	5	Lula e Jobim c	Gustavo Mirar	1	1	4	Eleições	3	Presidente Lula fala ao ouvido de	0	0	1	0	0	2	
2/2/2006	2	6	Perto de deixa	Redação	1	1	7	CPI dos Bi	3	Jobim concede nova liminar que	0	0	1	0	0	2	
2/2/2006	3	6	Garotinho sai	Redação	1	1	6	Eleições	3	Garotinho se afasta do cargo no	0	0	0	0	0	0	
2/2/2006	4	4	Para confundi	Tereza Cruvin	2	1	4	Eleições	1	PMDB intensifica suas moviment	6	0	0	3	0	0	
2/2/2006	5	4	Treinando as	Tereza Cruvin	2	1	6	Eleições	3	O governo muda sua estratégia e	0	0	2	0	0	2	
2/2/2006	6	4	Petrobrás nos	Tereza Cruvin	2	1	6	Petrobrás	3	A Petrobrás intensifica as ativida	2	0	0	3	0	0	
2/2/2006	7	1	Jobim dá nove	Alan Gripp e C	3	1	5	CPI dos Bi	3	Presidente do STF concede nove	0	0	2	0	0	2	
2/2/2006	8	1	Discurso em ii	Alan Gripp e C	3	1	6	Eleições	3	Por ocasião da abertura dos trab	0	0	2	0	0	3	
2/2/2006	9	1	Peres: "Jobim	Alan Gripp e C	3	1	6	STF	3	Senador Jeferson Peres faz dura	0	0	0	0	0	0	
2/2/2006	10	5	Na solenidade	Gustavo Mirar	3	1	4	STF	4	Lula, de frente, aparece convers	0	0	1	0	0	2	
2/2/2006	11	5	Em 2002, Lula	Ailton de Freit	3	1	4	STF	4	Abraço emocionado de Lula e Jol	0	0	1	0	0	2	
2/2/2006	12	5	Em 2005, curr	Ailton de Freit	3	1	4	STF	4	Lula e Jobim em mais uma demo	0	0	5	0	0	1	
2/2/2006	13	1	Presidente do	Redação	3	1	6	STF	3	Grupo com 36 personalidades re	0	0	0	0	0	0	
2/2/2006	14	1	Lula: governar	Luiza Damé	4	1	4	Política	4	Lula rebate às críticas que vem r	0	0	5	0	0	1	
2/2/2006	15	1	Bastos defenc	Redação	4	1	4	Eleições	3	Ministro da Justiça sai em defes	5	2	0	1	2	0	
2/2/2006	16	1	TCU corta rep	Redação	4	1	4	Corrupção	3	Tribunal de Contas da União det	0	0	1	0	0	2	
2/2/2006	17	3	Retranca petis	Redação	6	1	5	Política	3	O PT tem mostrado reticente no	0	0	4	0	0	2	

Data	Matéria	Formato	Título	Autor	Pág	Caderno	Posição	Tema específico	Tema aberto	Enquadr am.
3/10/2006	1	6	Lula e Alck	Redação	1	1	4	Eleições	Eleições	3
3/10/2006	2	6	Lula: 'Collo	Redação	1	1	5	Corrupção	Política	3
3/10/2006	3	6	Alckmin en	Redação	1	1	4	Campanha	Campanha	4
3/10/2006	4	5	E diante da	Chico Caru	1	1	4	Eleições	Eleições	3
3/10/2006	5	6	Miriam Lei	Míriam Lei	1	1	4	Economia	Eleições	1
3/10/2006	6	5	Como voto	Editoria de	1	1	6	Rio de Jan	Eleições	1
3/10/2006	7	6	Cabral ago	Redação	1	1	6	Rio de Jan	Eleições es	3
3/10/2006	8	5	A pesquisa	Redação	2	1	7	Cobertura	Cobertura	3
3/10/2006	9	5	Autocrítica	Redação	2	1	7	Cobertura	Cobertura	3
3/10/2006	10	4	Aspectos d	Tereza Cru	2	1	4	Eleições	Eleições	3
3/10/2006	11	7	O PSOL na	Tereza Cru	2	1	6	PSOL	PSOL	3
3/10/2006	12	1	Lula muda	Cristiane J	3	1	1	Eleições	Eleições	4
3/10/2006	13	5	O presiden	Roberto St	3	1	4	Eleições	Eleições	4
3/10/2006	14	5	Domingo a	Redação	3	1	6	Eleições	Eleições	4
3/10/2006	15	5	Segunda c	Redação	3	1	7	Cobertura	Cobertura	3
3/10/2006	16	4	Atrás dos v	Merval Per	4	1	5	Eleições	Eleições	3
3/10/2006	17	1	Lula 'Collo	Luiza Dam	4	1	4	Corrupção	Política	4
3/10/2006	18	1	Collor revê	Maria Lima	4	1	4	Outros	Outros	4
3/10/2006	19	1	Alckmin: p	Maiá Mene	5	1	2	Campanha	Campanha	3
3/10/2006	20	5	O tucano C	Victor Caiv	5	1	4	Campanha	Campanha	4
3/10/2006	21	1	Tucano po	Flávio Frei	5	1	7	Dossiê	Campanha	4
3/10/2006	22	3	Vitória do p	Redação	5	6	5	Eleições	Eleições	4
3/10/2006	23	1	Alckmin:'L	Flávio Frei	8	1	2	Ataques	Campanha	3

Resumo/legenda	VISIBILIDADE			VALÊNCIA		
	Lula (candidato)	Alckmin	Lula (presidente)	Lula (candidato)	Alckmin	Lula (presidente)
Diferente da p	5	3	0	3	3	0
No aniversári	2	0	0	2	0	0
Eufórico com	0	2	0	0	2	0
"-Estou conv	1	0	0	3	0	0
A economia e	1	0	0	3	0	0
Na capital ca	4	4	0	1	2	0
O candidato c	2	0	0	3	0	0
Assunto ou m	1	1	0	3	3	0
Correção de p	2	2	0	3	3	0
Costuma-se d	16	7	0	3	3	0
O PSOL vive	1	1	0	3	3	0
Lula já deu de	4	1	0	3	3	0
O presidente	3	0	0	3	0	0
Em entrevista	2	0	0	2	0	0
O presidente	2	0	1	2	0	3
Lula teve uma	13	3	0	0	0	0
No aniversári	7	0	0	2	0	0
O ex-presidente	3	0	0	2	0	0
Alckmin come	3	3	0	2	1	0
O tucano Ger	1	2	0	2	1	0
O comando d	2	8	0	2	1	0
A indisfarçáv	6	3	0	2	3	0
Alckmin, em c	7	22	0	2	1	0